

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA

**LUIZA GARCEZ MONROE NETA**

**A INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
estudo de caso em uma escola de uma comunidade quilombola do município  
de São José de Ribamar/MA.**

São Luís  
2019

**LUIZA GARCEZ MONROE NETA**

**A INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
estudo de caso em uma escola de uma comunidade quilombola do município  
de São José de Ribamar/MA.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia  
Licenciatura da Universidade Estadual do  
Maranhão para obtenção do grau de Pedagoga.

Orientador(a): Profª Ma. Márcia Cristina Gomes

São Luís

2019

Monroe Neta, Luiza Garcez.

A influência da participação familiar na educação infantil: estudo de caso em uma escola de uma comunidade quilombola do município de São José de Ribamar / MA / Luiza Garcez Monroe Neta. – São Luís, 2019.

... 69

Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Profa. Ma. Márcia Cristina Gomes.

1.Participação. 2.Família. 3.Escola. 4.Educação infantil. I.Título

CDU: 37.064.1(812.1)

**LUIZA GARCEZ MONROE NETA**

**A INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
estudo de caso escola de uma comunidade quilombola do município de São  
José de Ribamar/MA.**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia  
Licenciatura da Universidade Estadual do  
Maranhão para obtenção do grau de Pedagoga.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Márcia Cristina Gomes** (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão

---

**Prof.<sup>a</sup> Cinthia Regina Nunes Reis**

Universidade Estadual do Maranhão

---

**Prof.<sup>o</sup> Diego Rodrigo Pereira**

Universidade Estadual do Maranhão

*À minha família, que mesmo com suas dificuldades soube me educar e me incentivou a concluir essa graduação.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, à Maria Santíssima, aos Anjos e Santos, por me darem saúde, forças, coragem e perseverança para superar as dificuldades.

A minha família, em especial aos meus pais Mary e Joaquim, por todo amor, empenho, e apoio incondicional para que eu chegasse até aqui. Por jamais desistirem de mim, perdendo minhas ausências e compreendendo minhas faltas e por todo investimento que fizeram acreditando sempre no meu potencial.

Ao meu namorado Marcone, por lutar ao meu lado e por toda ajuda e incentivo para que eu concluísse este trabalho.

Às minhas fiéis companheiras de graduação: Denise Assis, Elenice Rocha, Ana Cléa Soares e Valéria Pereira.

A minha orientadora Márcia Cristina por disponibilizar seu precioso tempo, por sua atenção, paciência, correções e incentivos.

À Universidade Estadual do Maranhão pela oportunidade em fazer o curso e ao corpo docente do curso de pedagogia por todo ensinamento ao longo desses anos.

E a todos (as) que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, eu quero deixar um agradecimento eterno, por que sem eles não teria sido possível.

*“Quando escola e família educam com os  
mesmos critérios, as diferenças entre os*

*dois ambientes se reduzem, e que  
é a criança” (Andrea Ramal).*

## **RESUMO**

Uma vez que a participação familiar no âmbito escolar e a aproximação da escola com os responsáveis são fundamentais para o bom desempenho e formação integral das crianças, estudar essa relação a partir dos envolvidos, contribui para que se possa ter um melhor entendimento acerca dos desafios enfrentados pelas instituições envolvidas neste processo. Este estudo, portanto, visa analisar a participação familiar no contexto escolar da educação infantil e suas contribuições para o desenvolvimento integral da criança em uma comunidade quilombola de São José de Ribamar/MA. Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por uma abordagem de cunho qualitativo, com estratégia de estudo de caso, que foi fundamentada em uma bibliografia sobre o processo histórico da educação Infantil e os meandros da relação família x escola, também foi realizada a coleta de dados por meio de análise documental e entrevistas aplicadas com a gestora e professora da escola e os pais dos(as) alunos(as). A partir dos resultados, concluiu-se que: os pais destas crianças possuíam pouca participação e que isso interferia no desempenho destes alunos na escola, bem como no seu comportamento, mas que a própria escola deixou de incentivar essa participação, ao encerrar o projeto que trazia os pais para sala de aula. Outra regularidade observada na pesquisa, trata-se da influência que o nível de escolaridade dos pais desses alunos e outros fatores sócio econômicos tinham sobre o acompanhamento escolar dos filhos. Ou seja, famílias que possuíam baixa renda acabam se tornando menos participativas. Por fim, percebeu-se que o sucesso dessa relação depende totalmente da participação ativa de todos os responsáveis: instituição de ensino e família. Portanto, esta pesquisa justifica-se pela importância de entender que fatores contribuem para o sucesso escolar e como cada uma das partes envolvidas pode fazer para melhorar ainda mais.

**Palavras-chave:** Participação. Família. Escola. Educação Infantil.



## **ABSTRACT**

Once the teamwork between family and school is fundamental for the good performance and development of children, studying the relationship from those involved contributes to a better understanding of the challenges faced by all the institutions involved in this process. Therefore, this study aims to assess family participation in the school context of early childhood education and its contributions to child development in a quilombola community of São José de Ribamar / MA. For the research, a qualitative approach was used, with case study strategy, which was based on a bibliography on the historical process of early childhood education and the intricacies of the relationship family x school, there was also data collection through document analysis and interviews with the school manager and teacher and the parents of the students. From the results, there was a conclusion: these children's parents had little participation and that this interfered with the performance of these students at school, as well as their behavior, but that the school itself ceased to encourage this participation, by closing the project that brought parents to class. Also, the study presented that the level of education of these parents and other socioeconomic factors had an impact on the education of their children. In other words, families with low incomes become less participatory. Finally, it was realized that the success of this relationship depends entirely on the active participation of all those responsible: educational institution and family. Therefore, this research is justified by the importance of understanding what factors contribute to school success and how each of the parties involved can do to promote further improvements.

**Keywords:** Participation. Family. School. Child education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS E QUADROS)

|                                                                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 – Perfil socioeconômico: grau de parentesco .....                                                                | 44 |
| Gráfico 2 – Perfil socioeconômico: número de habitantes na mesma residência.....                                           | 45 |
| Gráfico 3 – Perfil socioeconômico: renda bruta familiar .....                                                              | 45 |
| Gráfico 4 – Relação Família e Escola: dificuldade em relação do dever de casa .....                                        | 47 |
| Gráfico 5 – Relação Família e Escola: nível de importância da participação na reunião de pais.....                         | 48 |
| Gráfico 6 – Relação Família e Escola: participação dos pais em relação aos eventos na escola.....                          | 49 |
| Gráfico 7 – Relação Família e Escola: avaliação dos pais quanto sua participação nas atividades escolares dos filhos ..... | 50 |
| Gráfico 8 – Relação Família e Escola: filhos que possuem horários e locais para realizarem tarefas de casa .....           | 51 |
| Gráfico 9 – Relação Família e Escola: satisfação dos pais quanto ao desempenho escolar dos filhos .....                    | 51 |
| Gráfico 10 – Relação Família e Escola: satisfação dos pais quanto ao trabalho da professora .....                          | 52 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                           |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                 | <b>11</b> |
| <b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                                                 | <b>16</b> |
| 2.1 Tipo de pesquisa .....                                                                                                | 16        |
| 2.2 Caracterização da comunidade de Juçatuba.....                                                                         | 16        |
| 2.3 Caracterização da escola.....                                                                                         | 16        |
| 2.4 Coleta de dados.....                                                                                                  | 19        |
| 2.5 Tratamento dos dados .....                                                                                            | 20        |
| 2.6 População e amostra .....                                                                                             | 20        |
| <b>3 EDUCAÇÃO INFANTIL: PROCESSO HISTÓRICO E OS MEANDROS DA<br/>RELAÇÃO FAMÍLIA X ESCOLA.....</b>                         | <b>22</b> |
| 3.1 Família: concepções e processo sócio histórico .....                                                                  | 22        |
| 3.2 Família e escola: meandros dessa relação .....                                                                        | 27        |
| 3.3 A educação infantil na contemporaneidade .....                                                                        | 32        |
| <b>4 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO ACOMPANHAMENTO DOS ALUNOS DA<br/>EDUCAÇÃO INFANTIL: análise de um Estudo de Caso.....</b> | <b>34</b> |
| 4.1 Percepções da professora frente à participação da família no<br>acompanhamento dos (as) alunos (as) .....             | 36        |
| 4.2 Percepções da gestora frente à participação da família no acompanhamento<br>dos (as) alunos (as).....                 | 43        |
| 4.3 Percepções dos pais em relação ao acompanhamento do desempenho dos<br>filhos na escola .....                          | 44        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                       | <b>53</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                   | <b>55</b> |
| <b>APÊNDICES .....</b>                                                                                                    | <b>62</b> |
| APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO AOS PAIS .....                                                                       | 63        |
| APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES.....                                                                | 65        |
| APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTORA.....                                                                     | 66        |
| APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCL.....                                                        | 67        |

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito de família passou por grandes transformações ao longo dos séculos, deixando de ser uma representação hierárquica entre senhores e servos até chegar na família contemporânea, cheia de desdobramentos e novas concepções. Esses desdobramentos têm relação com o avanço de homens e mulheres no sistema produtivo e a consequente mudança nas representações sociais desses sujeitos, em particular, as mulheres na sociedade moderna que foram ganhando novos espaços no sistema produtivo, sem contudo, se desobrigar das atividades pertinentes ao espaço reprodutivo (AQUINO, 2010).

Ou seja, à medida que tais atribuições passaram a ser conquistadas pelas mulheres por meio da sua inserção no sistema produtivo para sustento da família, esta não se desobrigou daquelas ocupações tidas historicamente como femininas, inserindo-se, desse modo, na dupla jornada de trabalho, considerando a própria dinâmica do sistema articulada à luta dos movimentos sociais, como por exemplo, o feminismo. É o momento em que as mulheres passam de cuidadoras do lar para também trabalhadoras remuneradas (MATOS e BORELLI, 2012).

De acordo com Syngle (2007), ao longo do tempo, também foi se formando o movimento de individualização que perpassou as relações conjugais, indicando a permanência das desigualdades do trabalho doméstico e as mulheres passaram a ter o que chamamos de dupla jornada de trabalho, já referenciada nos parágrafos anteriores.

A sociedade contemporânea também passou pelas transformações causadas pela tecnologia, onde a comunicação familiar passou a ser em grande parte virtual, mais rápida e com menos presença física. É possível afirmar que a rotina intensa e agitada dos pais diminuiu a vivência familiar e ao mesmo tempo, a tornou mais engessada devido à tecnologia.

Concomitante a estas transformações no âmbito familiar, consequentemente ocorreram mudanças na participação familiar na educação dos filhos. Percebeu-se ao longo dos anos, que a responsabilidade dos familiares além de proteger e cuidar inclui oferecer meios suficientes para um bom aprendizado na

infância dos seus filhos. Porém, não é uma realidade significativa, em termos de abrangência, na família contemporânea.

Segundo Kuhlmann (2010), nos dicionários da língua portuguesa, a infância é considerada como o período de crescimento do ser humano que vai do nascimento à puberdade. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13/07/1990) a criança é a pessoa até os 12 anos de idade incompletos, enquanto adolescentes são aquelas entre os 12 e os 18 anos.

A palavra infância refere-se a limites mais estreitos: oriunda do latim, significa incapacidade de falar. Essa incapacidade atribuída geralmente ao período que se chama de primeira infância, às vezes era considerada até os 7 anos que significava a passagem para a idade da razão (PAZ; OLIVEIRA, 2017).

Os estudos que relacionam a participação familiar na educação da criança trazem muitas discussões e visões diferentes. Alguns críticos compreendem que essas concepções acabam por responsabilizar o (a) aluno (a) pobre e sua família pelas situações de fracasso escolar, deixando de responsabilizar a escola e o sistema público de ensino a respeito do papel que lhes compete (CARVALHO, 2000; ALMEIDA, 2014).

Em um estudo realizado pelo psicólogo e pesquisador Lev Vygotski (1896 – 1934), a respeito da relação que o sujeito estabelece com o meio social, o mesmo conclui que é evidente a existência de uma relação entre desenvolvimento humano e ambiente, sendo que criança e ambiente influenciam-se mutuamente (VYGOTSKI apud RAPOPORT; SARMENTO, 2009). Portanto, é imprescindível que as crianças estejam inseridas em um ambiente onde a aprendizagem seja incentivada e onde existam adultos capazes e dispostos a estimular o potencial e a aprendizagem das crianças. Infelizmente esta não é uma realidade presente na maior parte das comunidades rurais e/ou quilombolas, devido às desigualdades econômicas e educacionais.

Diante deste contexto, surgiu a necessidade de abordar, nesta pesquisa, sobre as contribuições que a participação familiar podem trazer para o melhor aprendizado da criança, no contexto de uma comunidade quilombola denominada Juçatuba pertencente ao município de São José de Ribamar - MA.

Juçatuba é, desde maio de 2007, reconhecida como comunidade quilombola, ou seja, remanescente de quilombos. O reconhecimento se deu pela Fundação Cultural Palmares (FCP) junto ao Ministério da Cultura, segundo art. 68 do

ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias) e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da CF de 1988 (GARCÊS, 2012, p. 02).

A comunidade quilombola de Juçatuba teve sua origem com a chegada dos primeiros escravos fugitivos, de sobrenomes Garcês e Monroe, provavelmente, das fazendas do próprio local ou até mesmo de outros lugares da colônia.

Segundo pesquisa realizada por Conceição (2015) essa comunidade tinha aproximadamente, em 2013, 320 casas e 1.200 habitantes. Em relação aos arranjos familiares, segundo a mesma pesquisa, possuía casas que chegavam a habitar até doze pessoas entre parentes e casados. Porém, não era uma regra geral, pois, a média identificada na pesquisa era de quatro moradores por residência, dentre eles, o pai, mãe e dois filhos.

Outra realidade familiar encontrada em pesquisa de Conceição (2015) era que muitos se casavam com os próprios parentes e acabavam por dividir a mesma morada, por opção ou até mesmo como forma de economizar nas despesas domésticas.

Dessa maneira, foi buscado, nesta pesquisa, responder a seguinte questão norteadora: como acontece a participação familiar no contexto infantil e quais suas contribuições para o desenvolvimento integral da criança em uma comunidade quilombola de São José de Ribamar/MA?

Por se tratar de um tema que não está esgotado, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de continuação da discussão com um olhar voltado para a realidade quilombola, porém, não como forma de demonstrar os culpados pela ineficiência no aprendizado do (a) aluno (a), pelo contrário, pretende-se compreender o nível de participação, os meandros da relação família x escola e discutir sobre as diversas contribuições que a participação familiar pode trazer para melhorar a aprendizagem da criança na educação infantil, em parceria com a instituição de ensino.

Além disso, é preciso considerar o lugar de onde falo, uma vez que as vivências da minha trajetória pessoal induzem à constituição dos meus discursos, conseqüentemente, impactam nas minhas intervenções como pesquisadora. Sou residente de Juçatuba e estudei grande parte da minha vida nesta comunidade, me mobilizando cada vez mais a me perguntar sobre as realidades que eu e estudantes vivenciamos ao longo do nosso processo de aprendizagem.

Nessas reflexões, muitas perguntas me instigaram de vários modos. No entanto, algumas aguçaram minha curiosidade de tal modo que deram forma à

mente deste estudo, dentre elas advindas das dificuldades que enfrentei na escola e, apesar do empenho dos meus pais, os mesmos não poderiam me ajudar, tanto pela escolaridade que não concluíram todas as etapas, como pela falta de tempo, por conta de trabalharem longas horas para sustentar nossa família.

Portanto, os resultados das minhas próprias inquietações como pesquisadora em pensar sobre essas contribuições para o processo de aprendizagem me levaram a escolher uma das etapas do processo de ensino, por conta de me identificar, durante minha trajetória acadêmica, com a educação infantil. Desse modo, a escolhi para delimitar o campo da pesquisa.

Nesse sentido, creio que os argumentos que me levaram a escolher esse tema não foram aleatórios. Esta pesquisa é fruto da minha inserção no tema e do amadurecimento da minha trajetória pessoal e acadêmica.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo analisar a participação familiar no contexto infantil e suas contribuições para o desenvolvimento integral da criança em uma comunidade quilombola de São José de Ribamar/MA. Para alcançar tal objetivo foram necessários atingir objetivos intermediários, tais como compreender o nível de participação familiar no espaço escolar de uma comunidade quilombola; identificar quais contribuições a família pode oferecer aos filhos quando estes se inserem na educação infantil; estabelecer relação entre o processo de aprendizagem na educação infantil e a participação familiar na escola.

Além da Introdução, este trabalho está estruturado da seguinte forma: O capítulo 1 abordará a metodologia empregada neste estudo com a finalidade de alcançar os objetivos e obter respostas ao problema exposto.

No segundo capítulo intitulado “Educação Infantil: processo histórico e os meandros da relação família x escola”, foi realizada a contextualização do tema em estudo a partir da discussão sobre as principais transformações sociais e econômicas da relação familiar, e suas repercussões sobre a educação dos filhos. Foi especialmente avaliada a forma como as novas concepções de família influenciaram o modo de educar dos filhos. Para a reflexão aqui colocada, buscamos fundamentos dos autores: Prado (1981), Medeiros, Fukui (1998), Goldani (1984), Áries apud Finelli Heywood (2004), Ferrari e Kaloustian (2002), Kuhlmann Júnior (2001), Lôbo (2002), Granato e De Mari (1999) e Bourdieu (2002).

No mesmo capítulo também trataremos os meandros da relação família e escola e discussão de autores a respeito da responsabilidade de cada uma das partes

e de como isso impacta no desenvolvimento do aluno, trazendo a visão de alguns autores a respeito da temática, como por exemplo: Nogueira (2006), Vygotsky (1989), Gohkale (1980), Chalita (2001), Weil (1984), Nérici (1972) e Craidy e Kaercher (2001).

Ainda no capítulo 2, discutiremos a respeito da educação infantil na contemporaneidade e contribuíram para essa análise os seguintes autores: Aquino (2010), Craidy e Kaercher (2001) e Oliveira e Miguel (2012), trazendo um breve histórico da educação infantil na sociedade, especificamente no Brasil, até chegarmos na atualidade.

O capítulo 3 traz a análise do estudo de caso relacionando a amostra pesquisada com fontes bibliográficas a respeito da temática da participação da família no acompanhamento nos alunos da educação infantil. Por fim, algumas considerações são colocadas sobre a temática abordada.

Esta pesquisa, portanto, visou analisar os meandros da relação família x escola, com vistas ao estreitamento dessa relação com foco na aprendizagem significativa dos estudantes e a consequente elevação do desempenho escolar. Fazer esse diagnóstico em uma comunidade quilombola, que possui uma realidade financeira familiar baixa, seria uma forma de demonstrar acerca das dificuldades que estas famílias enfrentam ao assumir o papel também de formadoras e as possíveis dificuldades que a escola identifica ao tentar manter um contato mais próximo com estas famílias.



## **2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS**

Para Gil (2008), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos com o objetivo de se chegar ao conhecimento. Para que esse objetivo seja alcançado é necessária a identificação dos passos para a sua investigação. Em outras palavras, o conhecimento científico é adquirido a partir da determinação de um método.

Portanto, este capítulo tem a finalidade de expor os procedimentos metodológicos empregados neste estudo com o propósito de alcançar os objetivos preliminarmente colocados. Trata-se do delineamento do trabalho abordando o tipo de pesquisa e em seguida a apresentação dos meios escolhidos para a coleta dos dados, além da exposição das limitações vivenciadas pela pesquisadora para a realização desta pesquisa.

### **2.1 Tipo de pesquisa**

Este estudo trouxe uma abordagem metodológica qualitativa, com o interesse de alcançar os objetivos por meio de uma pesquisa de campo que, segundo Vergara (2006, p. 47), é uma “investigação empírica no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo”.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 186) pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de adquirir informações e/ou conhecimentos em relação ao problema que se busca resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar ou a descoberta de novos fenômenos. No qual também é necessário um estudo sistematizado de material literário como forma de aprofundar e compreender o tema, por meio da revisão de literatura e pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

### **2.2 Caracterização da comunidade de Jucatuba**

O universo trata-se do conjunto de elementos que possuem as características que serão objeto do estudo, portanto, caracteriza-se nesse estudo,

pelas famílias residentes no povoado de Juçatuba, município de São José de Ribamar/MA.

Segundo Gomes e Garcês (2012) o território quilombola de Juçatuba está localizado no município de São José de Ribamar, no Estado do Maranhão. Limitam-se ao norte com o Porto do Santana; ao Sul com a comunidade de Iguair; a leste com a baía de São José e a oeste com a comunidade de Bom Jardim. Tomando como ponto de referência a igreja do cruzeiro de Santa Barbara, próxima a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sendo reconhecida no dia 10 de maio de 2007, pela fundação cultural dos Palmares, junto ao Ministério da Cultura como remanescentes das comunidades dos quilombos, segundo art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, 1 e 5 da Constituição Federal de 1988.

Ainda segundo Gomes e Garcês (2012, p.02) o surgimento dos primeiros negros de sobrenome Garcês eram refugiados de outros locais do Maranhão e Estados próximos, responsáveis pela formação da comunidade quilombola de Juçatuba, provavelmente no ano de 1705, cujo nome correspondia ao fato de ter no local abundância de água doce próximo a um imenso Juçaral, que na época só poderia ser interligada à Cidade balneária de São José de Ribamar via baía de mesmo nome a leste de Juçatuba, hoje conhecida por praia Unicamping.

Para os autores acima referidos a origem das famílias Monroe e Garcês deu-se com a chegada das missões jesuítas vindas da Inglaterra, onde o sacerdote Eduardo Monroe, ao celebrar uma missa na comunidade, se encantou com a beleza de uma jovem negra chamada Francisca Garcês, renunciando, deste modo, ao celibato e matrimoniando-se com a mesma, dando início aos primeiros Monroe e Garcês de Juçatuba: Alexandre Garcês Monroe, Tertuliano Garcês Monroe, Balbino Garcês Monroe e José Garcês Monroe, adentrando, posteriormente, à comunidade outros povos: Gouveia, Cascaes, Costa, Correa e demais casados com os Monroe e Garcês passaram a constituir uma grande população onde o principal item diferenciador das outras é o grau de parentesco, quer de carácter materno ou paterno.

As atividades econômicas que predominavam na comunidade de Juçatuba era agricultura que tinha como destaque: mandioca, arroz, milho e feijão, pesca de curral e camboa. Em relação ao cemitério, foi fundado depois da morte das duas filhas do ex- sacerdote do segundo casamento de Eduardo Monroe, que isolou na mata as meninas, devido à doença Tuberculose que as levou a óbito e induziu o senhor

Eduardo à solicitação de licença para fundar no lugar um cemitério que hoje atende ao sepultamento de toda população juçatubense.

Gomes e Garcês (2012) afirmam que com o passar dos anos surgiram no povoado quilombola de Juçatuba algumas tradições culturais e religiosas até hoje realizadas como: o Bumba-meu-boi, Tambor de Mina, festejos de: São Sebastião, Nossa Senhora do Bom Parto, Sant' Ana, Nossa Senhora Mãe dos Homens e festejo de Menino Jesus. E pelo carnaval é realizada uma brincadeira chamada Entrude. Com o decorrer do tempo foram construídos no bairro: duas escolas municipais (Escola Municipal Germano Garcês e Escola Municipal Professora Rosa Raimunda Paixão Garcês), um posto médico, campos de futebol, uma associação de Bumba-meu-boi de matraca e uma associação de moradores, a qual vem atendendo às necessidades urgentes da comunidade, especialmente as de carácter político como: meio de transporte e a questão da invasão agrária na praia Unicamping.

Segundo Filho (2015) existem na comunidade de Juçatuba aproximadamente 316 famílias e 1200 habitantes. A comunidade é dividida pelas ruas: Principal, Boa Esperança, Rua 01 e Nossa Senhora Mãe dos Homens, além de um largo em frente à igreja católica.

Conforme Filho (2015) a imagem da Santa Nossa Senhora Mãe dos Homens, que é padroeira da comunidade de Juçatuba, foi encontrada por um grupo de pescadores em um lugar por nome Porqueiro. Foi trazida para a comunidade de Juçatuba e cuidada por um senhor de escravos. O grande festejo é comemorado no segundo domingo do mês de outubro.

### **2.3 Caracterização da escola**

.Fazendo uma breve retrospectiva histórica, conforme o Projeto Político Pedagógico dessa escola (p. 6, 2016) em 1984, a prefeitura de São José de Ribamar por meio do prefeito José Câmera Ferreira inaugurou em Juçatuba a Escola Alcione Ferreira que contou com o apoio da diretora e colaboradora, a professora Rosa Raimunda Paixão Garcês. Nesta escola funcionavam nos turnos matutino e vespertino com séries de 1º à 4º. O corpo docente era formado por quatro professores leigos e com dois operacionais. Em 1993, o prefeito Júlio Matos, juntamente com a comunidade resolveu mudar seu nome para Escola Municipal Germano Garcês, este nome foi dado em homenagem a um morador que muito lutou pela comunidade. No

ano de 1998, foi realizado o concurso e os professores aprovados foram empossados e hoje exercem sua função com responsabilidade e perseverança.

De acordo com Projeto Político Pedagógico (2016, p.6) a estrutura física da escola conta de um prédio próprio construído de alvenaria com quatro salas de aulas, uma sala de informática, uma secretaria, um depósito, um pátio coberto, uma cantina com dispensa, dois banheiros adaptados para crianças e um banheiro para professores.

Dessa forma, tem procurado desenvolver seus trabalhos dentro de uma linha de respeito às necessidades das crianças. A escola possui ventiladores, armários, bebedouros, conjuntos de mesa e cadeiras, jogos infantis, livros didáticos, literários e científicos, material didático pedagógico, de limpeza e expediente em geral. A escola conta com atividades nos turnos matutino e vespertino, atendendo a Educação infantil e o Ensino Fundamental.

O quadro funcional é formado por 6 professoras com curso superior, o pessoal de apoio administrativo e auxiliares operacionais de serviços diversos (A.O.S.D.) com predominância do Ensino Fundamental e Médio todos residentes no bairro no qual a escola está localizada.

Os conteúdos trabalhados na escola estão em consonâncias com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a LDB 9394/96 e a filosofia educacional adotada pela equipe pedagógica da escola.

## **2.4 Coleta de dados**

Os meios de coleta de dados foram escolhidos no intuito de alcançar os objetivos propostos para este estudo, buscando-se o seu direcionamento mais apropriado, a fim de proporcionar a adequada análise dos resultados. Como método mais propício para o estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as famílias (APÊNDICE A) e com profissionais de uma das instituições de ensino (APÊNDICES B e C). Além disso, documentos disponíveis da escola foram utilizados para a pesquisa como forma de melhor entender o local de estudo, como o regimento interno e o plano político pedagógico mais recente.

Como em toda pesquisa científica, deve-se adotar um procedimento ético. Portanto, preservar a identidade dos envolvidos na pesquisa é essencial para que o leitor não reconheça a identidade dos mesmos e qualquer dado coletado não venha

comprometê-los (BOGDAM e BIKLEN, 2002). Desta maneira, optamos por adotar um procedimento comumente utilizado nesses casos: fazer a troca dos nomes verdadeiros por nomes fictícios, inventados pela pesquisadora. Para identificação dos mesmos utilizamos para a professora entrevistada o nome de “Professora” e para a gestora da escola de “Gestora” e o nome dos familiares entrevistados como “Família” acompanhada dos números correspondentes a cada um.

## **2.5 Tratamento dos dados**

O tratamento dos dados pode ser estatístico e não estatístico. Dessa maneira, os dados obtidos por meio desta pesquisa foram analisados a partir do referencial teórico abordado, de forma não estatística, possibilitando a interpretação da autora de forma qualitativa.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com autorização prévia do grupo pesquisado (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no Apêndice D), e em seguida transcrito cada fala correspondente a cada grupo de perguntas. Em seguida, foram selecionadas as partes que mais contribuíram para compreensão deste trabalho e ligadas a ele.

Após a transcrição e seleção da fala de cada entrevistado (a), as respostas foram separadas por subtemas, para criação de uma linha de raciocínio que ficasse compreensível ao leitor. Em seguida, foram pesquisados em mais fontes, sobre o que autores da área falaram sobre estes subtemas, de forma a confrontar e/ou reafirmar o que os (as) entrevistados (as) falavam.

É importante ressaltar que os dados analisados na pesquisa tanto da gestora, como da professora podem sofrer influências ou contribuírem para uma percepção mais detalhada, pois as duas são residentes da comunidade de Juçatuba e possuem grau de parentesco e proximidade com a maioria dos alunos e pais de alunos.

## **2.6 População e amostra**

A amostra, ou população amostral, é uma parte do universo escolhido selecionada a partir de um critério de representatividade. Foi considerado como critério de inclusão a família ser afrodescendente e pertencer à comunidade

quilombola, ter filhos entre 4 a 5 anos regularmente matriculados na única escola de educação infantil do povoado: Escola Germano Garcês.

A Escola Germano Garcês possui 30 alunos matriculados na Educação Infantil 1 e 21 alunos matriculados na Educação Infantil 2. Possuindo em seu quadro de funcionários 1 gestora e apenas 1 professora que leciona nos dois níveis educacionais. A educação infantil 1 e 2 funciona nos turnos matutino e vespertino, respectivamente.

Além da escola, participaram da pesquisa, 9 responsáveis pelos(as) alunos (as) da escola que residiam na comunidade de Juçatuba, que possui atualmente 1,2 mil moradores.

### **3 EDUCAÇÃO INFANTIL: PROCESSO HISTÓRICO E OS MEANDROS DA RELAÇÃO FAMÍLIA X ESCOLA**

#### **3.1 Família: concepções e processo sócio histórico**

O termo família origina-se do latim "famulus" que significa conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor, que vivem sob um mesmo teto (HOUAISS, 2001, CD- ROM). Entre os chamados dependentes inclui-se a esposa e os filhos. Assim, historicamente a família greco-romana compunha-se de um patriarca e seus "famulus": esposa, filhos, servos livres e escravos (PRADO, 1981).

Na literatura brasileira a definição do termo família, tem sido estudada de várias formas. Segundo Fukui (1998, p.16) "a família pode ser abordada segundo três ângulos diversos e complementares: condições de vida; instituição; e valor". O referido autor acrescenta ainda que "os diferentes grupos familiares podem ser estudados segundo parâmetro que investigam a composição familiar e o ciclo de vida familiar" (1998, p. 17).

Para Fukui (1998, p.16) a família pode ser abordada

[...] as disciplinas como a demografia e a sociologia, a família é abordada levando-se em conta o grupo residente na unidade doméstica (arranjo domiciliar), porém em outras disciplinas como é o caso da Antropologia, este aspecto não é levado em conta, visto que a família é estudada através da organização formada por um conjunto de pessoas com quaisquer laços reconhecidos de parentescos, independentemente de seu local de residência.

Goldani (1984) também acrescenta uma reflexão sobre o conceito de família nos censos, alertando que os propósitos de análise é que vão definir a unidade de referência. Para ela a associação do conceito de família ao nível de convívio ou ligação doméstica, tem a ver com a família como definição de unidade de consumo, que seria o objetivo central da questão familiar para o censo de população. No entanto, pensando o papel da família em termos de sua dinâmica demográfica em geral, torna-se indispensável o controle de parentesco, sobretudo a identificação das unidades conjugais presentes no domicílio.

Ao analisar a evolução histórica do conceito de família, Áries apud Finelli (2015) afirma que por volta do século XV, não existia o sentimento afetivo entre as famílias, a sua função era conservar os bens, de compartilhar trabalho e de promover as próprias vidas, pois os membros não tinham condições de sobreviverem sozinhos. As mulheres eram consideradas apenas como reprodutoras e cuidadoras, e o casamento era visto como um negócio entre a família dos noivos, onde não existia amor entre o casal e muitas vezes eram desconhecidos, um para o outro.

Áries apud Finelli (2015) ainda acrescenta que, nessa época as crianças saíam de casa cedo em torno dos sete anos e só voltavam por volta dos 14 aos 18 anos, pois este era o modelo da educação vigente na época, no qual tinha por objetivo enviar as crianças para outras casas para que elas pudessem aprender boas maneiras. Por conta disto, não existia afeto dos pais pelas crianças, até se os filhos morressem os pais não sofriam muito, pois sabiam que logo viria outra criança para substituí-la. Diante disso, atendia a uma realidade moral e social e menos sentimental.

Conforme Áries apud Finelli (2015, p. 31)

[...] a mudança em relação ao sentimento da família acontece com a entrada da criança na escola a partir do século XV. Tal modificação foi bastante lenta, porém profunda. A inserção das crianças na escola ocorreu devido a uma necessidade e preocupação em "isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva, a um desejo de treiná-la para melhor resistir às tentações dos adultos.

Ou seja, a inclusão dos filhos no ambiente escolar e a participação dos pais na aprendizagem infantil causou proximidade entre os membros da família, motivando o surgimento de um sentimento de família nesta época. Conforme Áries apud Finelli (2015) por meio da aproximação entre as famílias, a mesma se tornou mais privada. Todavia, havia uma grande preocupação com as relações sociais até o século XVII, onde a reputação do homem promovia seu futuro a partir das relações sociais.

Como afirma Áries apud Finelli (1981) a família se tornou um espaço maior para a intimidade e foi preenchida por uma relação mais próxima entre pais e filhos, onde se excluía os criados, clientes e amigos. Heywood (2004) corrobora com estas informações afirmando que a educação das crianças passou a ser reconhecida gradualmente na sociedade, fazendo com que a família passasse a se organizar em torno dos filhos e nas relações sociais.



Mas é importante destacar que no início do século XIX, no Brasil, no contexto da população negra, o conceito de família passou a depender principalmente do aspecto de senhorio, como exemplifica Nascimento (2006) ao afirmar que, no período da escravidão, os escravos eram considerados sem família, pois havia mais homens do que mulheres e, também, pelo próprio fato de serem cativos, o que não garantia a permanência de todos juntos, pois poderiam ser vendidos a qualquer momento.

Porém, com a abolição da escravatura, em 1888 houve grande movimento de famílias que tentavam se encontrar depois de separadas, sobretudo pela venda de alguns de seus membros para outros senhores. Segundo Nascimento,

[...] com a proclamação da república em 1889, surgiram novas concepções de família, pois esta introduziu no país um conjunto de modernizações que envolveram o fim do trabalho escravo e a urbanização (com desdobramentos para o início da industrialização), como também o deslocamento para o eixo centro Sul dos pólos de desenvolvimento econômico e de decisão política (NASCIMENTO, 2006, p.06 - 07).

Avante dessas mudanças, surge a família moderna, dentro da perspectiva do desenvolvimento da sociedade capitalista industrial que passa a ser entendida como unidade de consumo, família nuclear. A energia desse membro familiar passa a ser utilizada pela promoção das crianças e a família se torna mais individualista. Compreende-se portanto, segundo Braga e Amazonas (2005), que o espaço familiar segue as transformações culturais e históricas de cada época.

Desta maneira, o modelo da família atual, iniciou por meio do aumento do interesse social pela criança que passava por péssimas condições na infância. E o que impulsionou estas mudanças, segundo Braga e Amazonas (2005), foram o desenvolvimento da medicina, da higiene, o aparecimento da psicanálise e os interesses estatais no final do século XIX.

Ferrari e Kaloustian (2002, p.14) comentam que:

A família, da forma como vem se modificando e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares.

Ainda sobre o interesse social pela criança, Kuhlmann Júnior (2001) afirma que a difusão das instituições de educação infantil, em especial creches e jardins de infância, acompanham outras iniciativas de regulação da vida social moderna, como a industrialização, urbanização, desenvolvimento científico e tecnológico e está relacionada diretamente à preparação de mão-de-obra futura para inserção no mundo do trabalho.

Segundo Oliveira (2009) atualmente os arranjos familiares podem variar em combinações de diversas naturezas, seja na composição ou também nas relações familiares estabelecidas. A composição pode variar em uniões de casais que são separados ou divorciados, união de homossexuais, união de pessoas com filhos de outros casamentos, ou monoparental feminina, monoparental masculina, avós com os netos, e uma infinidade de formas a serem definidas, colocando-nos diante de novos arranjos familiares, diferenciadas do clássico modelo de família nuclear heterossexual.

Lôbo (2002, p. 90-91) nomeou as unidades de vivência da seguinte maneira:

a) par andrógino, sob regime de casamento, com filhos biológicos; b) par andrógino, sob regime de casamento, com filhos biológicos e filhos adotivos, ou somente com filhos adotivos, em que sobrelevam os laços de afetividade; c) par andrógino, sem casamento, com filhos biológicos (união estável); d) par andrógino, sem casamento, com filhos biológicos e adotivos ou apenas adotivos (união estável); e) pai ou mãe e filhos biológicos (comunidade monoparental) f) pai ou mãe e filhos biológicos e adotivos ou apenas adotivos (comunidade monoparental); g) união de parentes e pessoas que convivem em interdependência afetiva, sem pai ou mãe que a chefie, como no caso de grupo de irmãos, após falecimento ou abandono dos pais. h) pessoas sem laço de parentesco que passam a conviver em caráter permanente, com laços de afetividade e de ajuda mútua, sem finalidade sexual ou econômica; i) uniões homossexuais, de caráter afetivo e sexual; - com o julgamento da ADPF 132/RJ, tornou-se união estável ou casamento; j) uniões concubinárias, quando houver impedimento para casar de um ou de ambos companheiros, com ou sem filhos; l) comunidade afetiva formada com "filhos de criação", segundo gêneros e solidárias tradição brasileira, sem laços de filiação natural ou adotiva regular.

Granato e De Mari (1999, p.269) comentam que "a mudança nesse padrão tem resultados em novos e surpreendentes quebra-cabeças familiares". Podemos observar nessa afirmação um novo conceito sobre as novas configurações familiares com a terminologia "quebra-cabeças" familiares, que também são conceituadas pelos profissionais da psicologia de " família mosaico".

Conforme Ferrari e Kaloustian (2002, p.11):

[...] a família brasileira, em discussões sobre a sua desagregação ou enfraquecimento, está presente e permanece enquanto espaço privilegiado de socialização, de prática de tolerância e divisão de responsabilidades, de busca coletiva de estratégia de sobrevivência e lugar inicial para o exercício da cidadania sob o parâmetro da igualdade, do respeito e dos direitos humanos. A família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou de forma como vem se estruturando.

A família é de suma importância para o meio social porque os sujeitos desenvolverão suas primeiras experiências enquanto membros da sociedade e apesar de atualmente essa família contemporânea comportar uma enorme elasticidade, tem o papel de participar ativamente na educação das crianças.

Ao analisar as diferenças de desempenho escolar entre os estudantes, Bourdieu (2002) relacionou os estudos à renda econômica destes indivíduos, à família e a outros fatores sociais. Observou-se em suas pesquisas que não havia relação direta entre qualidade de ensino e investimento financeiro institucional. Esta qualidade estaria então, de acordo com os conceitos de Bourdieu, diretamente ligada com a estrutura basilar dos alunos: a família.

Neste contexto, nos valem os do conceito de capital cultural definido por Pierre Bourdieu. Segundo ele,

[...] cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, (sic) as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 2002, p.41-42).

O referido autor vem questionar a desigualdade de sucesso na escola que muitas vezes é compreendida como desigualdades de aptidões, consideradas como inatas. Essa é uma lógica meritocrática em que todo indivíduo pode ter acesso às posições sociais mais elevadas, se seus talentos, seu trabalho assim permitirem. Nessa direção, o autor realiza uma crítica à ideologia do dom, pois legitima as desigualdades escolares e conseqüentemente, as desigualdades sociais. (BOURDIEU APUD BONNEWITZ, 2003).

Ao estudar o nível de influência do ambiente familiar na educação dos filhos, Clérc (1970, p. 151) afirma que seja durante a escolaridade anterior, seja ainda na pequena infância, existem diversos fatores que podem provocar o sucesso escolar dos alunos, entre eles: a ação educativa consciente, por meio da atenção aos trabalhos escolares em casa e a influência inconsciente do nível social que se exprime, por sua vez, através da renda e do nível cultural dos pais.

Em outra obra, Bourdieu, Ribeiro e Cacciamali (2012, p. 506) enfatizam que “a herança cultural e as atitudes das famílias são os determinantes centrais da permanência na escola, do êxito escolar, da realização das transições escolares e da eliminação da defasagem idade-série por parte das crianças”. Por conta disto, direcionamo-nos ao próximo capítulo abordando as contribuições dessa relação de proximidade entre a família e educação dos filhos.

### **3.2 Família e escola: meandros dessa relação**

Como abordado no tópico anterior, diversas mudanças na configuração da família e mudanças na própria economia mundial, acarretaram em transformações na relação dos pais com os filhos. Apesar de, durante muito tempo, os filhos terem sido criados como uma perspectiva de aumento da renda familiar, segurança na velhice dos pais, ou como garantia de sucessão, a postura dos pais frente aos filhos foi mudando gradativamente ao longo dos anos.

A relação de apenas interesse foi dando lugar ao sentimentalismo e ao crescimento da relação afetiva com filhos. Em outras palavras, Nogueira (2006) afirma que essas mudanças na família trouxeram grandes avanços na redefinição do lugar do filho e na diversificação do papel educativo da família.

Outro fator de grande importância para o desencadear dessas transformações, segundo Nogueira (2006, p. 160), foi a ideologia de “valorização do indivíduo, de sua vida privada, consideradas como opção de seu eu verdadeiro”. Concomitante a essas transformações, também acontece a emergência de novos valores educacionais, como a “liberalidade nas relações entre pais e filhos – que agora não devem pautar-se mais pelo autoritarismo, mas sim pela comunicação e pelo diálogo”.

Sobre isso, Nogueira (2006, p.161) ressalta que:

Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso, mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar – o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais.

Nogueira (2006) também concorda que a partir do século XX, houve não só um crescimento da participação familiar na escola, mas também um alargamento da atuação da escola na vida familiar, que passou a lidar com diversos temas com seus alunos, como o divórcio dos pais, desemprego, doenças, etc.

As mudanças dessa relação também ocorreram no campo jurídico. No Brasil, a partir da Constituição de 1988, ficou legalmente definido que os pais, a sociedade e o poder público têm que respeitar e garantir os direitos das crianças:

É dever da família, da sociedade e o Estado assegurar a criança e o adolescente, com absoluta prioridade, o direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao lazer, a profissionalização, a cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão (BRASIL, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, também define que os pais têm responsabilidade sobre a educação dos filhos.

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

O Estatuto da Criança e do Adolescente também trabalha na mesma linha ao afirmar, no artigo 22 da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990 que, “aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais” (BRASIL, 1990).

De acordo com Vygotsky (1989, apud PINO, 2000, p. 110) "o aprendizado das crianças começa antes que elas frequentem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia". Desse modo, o processo de ensino-aprendizagem das crianças começa antes de entrar na instituição escolar.

É por meio das vivências e experiências adquiridas no convívio com a família, no ambiente que está inserida, que a mesma irá desenvolver suas características sociais, morais e éticas, ou seja, a família é indispensável à aprendizagem da criança. Nesse sentido, "a família é o primeiro e principal contexto da socialização dos seres humanos, é um entorno constante na vida das pessoas" (EVANGELISTA; GOMES, 2003, p.203).

Corroborando com estas afirmações, a pensadora Arendt (2001, p. 18) afirma que:

[...] com a concepção e o nascimento, os pais não deram somente a vida a seus filhos, eles, ao mesmo tempo, introduziram-nos em um mundo. Educando-os, eles assumem a responsabilidade da vida e do desenvolvimento da criança, mas também da continuidade do mundo.

Educar é uma tarefa difícil e que exige bastante da família por se tratar de um trabalho contínuo que precisa de parceria entre a escola e os responsáveis das crianças. É no ambiente familiar que a criança deve encontrar refúgio para acalmar suas aflições e dúvidas em relação ao seu desenvolvimento como pessoa.

A educação bem-sucedida da criança na família é que vai servir de apoio a sua criatividade e ao seu comportamento produtivo na escola. A família tem sido, é e sempre será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas (GOKHALE, 1980, p.33).

De acordo com Kaloustian (1998) a família deve proporcionar os aportes afetivos e, sobretudo, materiais, necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus filhos na escola. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, pois no seio familiar é que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e as crianças podem fortalecer os laços de solidariedade.

Conforme Oliveira (2001, p.10)

[...] a participação efetiva dos pais no processo de aprendizagem facilita a prática pedagógica dos professores [...]. A família, especialmente os pais, ocupam um importante papel na mudança do comportamento de seus filhos. Ela intervém no desenvolvimento humano do indivíduo na relação com o meio natural e social.

Ser o mediador do conhecimento é papel do (a) professor (a), porém ter interesse pelo processo e principalmente fazer o acompanhamento é função da família. Esse interesse e acompanhamento devem ser constituídos de muito afeto, pois são essenciais para a segurança, a autoestima e a aprendizagem das crianças.

O acompanhamento dos responsáveis e até mesmo a atenção para a execução das tarefas escolares são fundamentais para o processo de aprendizagem.

Segundo Chalita (2001), é através de pessoas mais experientes que as crianças sentem apoio e confiança para aprender e esse indivíduo mais experiente pode e deve ser alguém da família. Quando existe colaboração entre família e escola, a motivação da criança aumenta e o desempenho escolar melhora.

Uma das formas de aproximação mais direta e recorrente entre família e escola são as reuniões escolares que é um momento importante na instituição, pois gera a interação entre todos os envolvidos na educação da criança. É o momento que a escola fala dos seus objetivos e da sua organização e alerta os pais sobre sua participação nas dificuldades dos alunos. Conforme afirma Tiba (2006, p.152) "a escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles- alunos- estudem".

Silva (2003, p. 01) ao abordar o tema sobre a parceria ente família e escola, afirma que:

Uma conversa franca dos professores com os pais, em reuniões simples, organizadas, onde é permitido aos pais falarem e opinarem sobre todos os assuntos, será de grande valia na tentativa de entender melhor os filhos/alunos. A construção desta parceria deveria partir dos professores, visando, com a proximidade dos pais na escola, que a família esteja cada vez mais preparada para ajudar seus filhos.

Portanto, a finalidade da família e da escola devem ser a mesma: ir ao encontro de ações que visam ao processo ensino-aprendizagem das crianças. Nos dias de hoje é ainda mais urgente e necessário que os pais assumam a função de formadores, e os profissionais atuantes na escola sejam colaboradores dessa formação, pois tanto a família quanto a escola têm o papel de educar e realizar conscientemente essa função, que é formar indivíduos autônomos intelectual e moralmente, para que possam exercer seus direitos e deveres de forma livre e consciente.

Ao contrário disto, ou seja, em casos em que não há uma participação ativa da família na escola, ou quando a família não se responsabiliza pela educação básica no lar, as consequências podem ser prejudiciais e irão atingir os alunos e sua aprendizagem. Como explica Weil (1984, p. 47), ao relatar exemplos de alguns problemas presentes nas escolas pela falta de uma postura educativa dos pais:

O comportamento das crianças no ambiente escolar e em casa é, na verdade, uma reação às atitudes de seus pais. Foi constatado que a maioria dos problemas de comportamento, como ausência de atenção e agressividade, é reflexo da conduta dos pais. Uma criança, por exemplo, que não consegue, em sala de aula, ficar parada em momento nenhum, mostrando-se sempre nervosa, brigona, agressiva com os colegas, sempre mal arrumada, cadernos rasgados, pode ser que uma das causas para tudo isso seja uma relação conflituosa com a família ou a relação, também conflituosa, entre os pais, os quais brigam o tempo todo na frente dos filhos e acabam descontando na criança, com desprezo ou indiferença, com agressões físicas ou verbais. Este fenômeno, tão comum leva a criança pedir ajuda, demonstrando isso de várias maneiras, inclusive chamando atenção para si, no ambiente escolar (WEIL, 1984, p.47)

Essa falta de participação dos pais na educação dos filhos não é um caso raro. Nérici (1972, p.189), afirma que “poucos são os pais que acompanham a educação de seus filhos prestigiando e entrando em contato com a escola, a fim de colaborar com ela na tarefa em que ambas devem ser responsáveis”.

Chalita (2001) afirma que é comum os pais enfrentarem muitas dificuldades em relação à educação dos seus filhos, entretanto, quando isso acontece, é necessário que estes recebam toda ajuda possível das instituições da educação infantil, da comunidade, do poder público e das instituições de apoio com o objetivo de melhorar o desempenho junto às crianças.

É de suma importância manter uma harmoniosa relação entre escola e família, pois a soma das ações que conduzem pais e gestores (diretor, pedagogo, professor, secretário, entre outros) a praticar o diálogo uns com os outros e a compreender o papel de cada um nessa relação, enriquece o processo de aprendizagem do(a) estudante. Essa relação deve ser formada pelo respeito mútuo e cada parte deve se conscientizar da sua importância para o desenvolvimento integral da criança.

Segundo Craidy e Kaercher (2001) os pais ou responsáveis dos pequenos devem ser sempre avisados sobre tudo o que ocorre com as crianças durante o período em que estiver na instituição, bem como a forma de trabalho e a proposta pedagógica que é utilizada. Tudo o que acontece com a criança no espaço da escola infantil deve ser passado aos responsáveis. No entanto, é preciso estabelecer limites quanto à intervenção da família no ambiente escolar, desrespeitando muitas vezes o trabalho que é ali desenvolvido.

O comparecimento dos pais é um gesto de atenção e respeito à escola. Além dessas reuniões, os momentos individuais entre professores e pais são uma rica



oportunidade para alimentar a parceria família-escola. É importante e necessário a confiança e o respeito dos pais por meio de um trabalho competente e bem fundamentado pedagogicamente. Todo o apoio dos pais é essencial para a melhor aprendizagem dos filhos, que na Educação Infantil acontece de um modo singular, pois requer um maior acompanhamento e necessidade de apoio pedagógico constante. Por conta disto o próximo tópico abordará o tema de como acontece o processo de aprendizagem na educação infantil.

### **3.3 A educação infantil na contemporaneidade**

Historicamente, a educação infantil surgiu devido às diversas mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade com o passar dos anos como forma de suprir as necessidades das crianças e ocupar, em alguns aspectos, o lugar da família (AQUINO, 2010).

As instituições de educação para crianças de até 6 anos surgiram e justificam-se até hoje em função das transformações sociais associadas ao mundo do trabalho. As atividades do trabalho produtivo, com o sistema capitalista, foram separadas do ambiente doméstico, de forma que a moradia se tornou um espaço de reprodução da força de trabalho e não mais lugar somente de convivência, cuidado, aprendizagem e socialização (AQUINO, 2010).

No Brasil, assim como na maior parte do mundo, essa modalidade de ensino nasceu em função da crescente urbanização e estruturação do capitalismo e da necessidade da mulher em ocupar o mercado de trabalho. Por conta da ausência das mães em casa durante muitas horas, os operários começaram a reivindicar um lugar para que seus filhos fossem cuidados e tivessem acesso à educação, impulsionando a criação de creches (CRAIDY; KAERCHER, 2001).

Kuhlmann Jr (2010) destaca que desde o século XX até os dias atuais, as instituições brasileiras voltadas para a Educação Infantil, apresentaram-se seguindo duas propostas no atendimento às crianças pequenas, com diferentes funções: a creche - no qual era atribuída a função de beneficência e de cuidado -, e aos jardins de infância – no qual havia uma função educativa formal.

Porém, ao discutir sobre o assunto Kuhlmann Jr. (2010) afirma que na verdade, todas as instituições têm um caráter educativo e que havia uma diferenciação entre as duas apenas relacionadas ao público que frequentava essas instituições:

As creches tinham uma proposta de educação assistencial voltada para as crianças pobres, ao passo que as pré-escolas tinham uma proposta escolarizante para as crianças menos pobres. Assim, no processo histórico de constituição das instituições pré-escolares destinadas à infância pobre, o assistencialismo foi configurado como uma proposta educacional específica para esse setor social, ou seja, a educação não seria sinônima de emancipação (KUHLMANN, 2010, p. 166).

Craidy e Kaercher (2001) acrescentam que além de suprir a ausência da mãe, a criação das creches era justificada por outros diversos motivos, entre eles, a finalidade de proteger as crianças das influências negativas do seu meio, afastá-la da ameaça e da exploração e eliminar a vagabundagem das crianças, principalmente as provenientes de famílias de baixa renda.

Atualmente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2011 determinaram a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Nesse cenário observa-se o desenvolvimento de uma cultura em que a visão de criança adquire novos significados, passando ela a ser considerada como uma pessoa de direitos, uma cidadã de pequena idade.

A LDB n ° 9394/96, em seu artigo 29, estabelece que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

O PNE (2011) afirma que o incentivo e o bom funcionamento das práticas pedagógicas na pré-escola, podem trazer resultados significativos e positivos para as séries posteriores, como redução da repetência, aumento da probabilidade de conclusão das outras etapas do ensino e aumento do rendimento futuro dos mesmos.

As instituições de educação infantil passaram a ter a responsabilidade de dar às crianças condições suficientes para aprendizagem, em diversas configurações, como por meio de brincadeiras ou aquelas propiciadas por situações pedagógicas, sejam elas, intencionais ou orientadas por adultos. As instituições de educação infantil passaram a incorporar de maneira integrada, a função de educar e cuidar.

Essa nova conduta com o desenvolvimento da criança em diversos aspectos visa garantir uma educação sem discriminação, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social, passando a integrar dois elementos: o cuidado e a educação (OLIVEIRA;MIGUEL, 2012).

Por fim, é importante destacar que no caso da Educação Infantil, as constantes reformas educacionais ao longo dos anos, trouxeram importantes avanços na medida em que a estabeleceu como primeira etapa da Educação Básica e que mesmo passando por inúmeras dificuldades de adaptações as recentes diretrizes das esferas públicas, estão caminhando para o desenvolvimento educacional efetivo da criança.

#### **4 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO ACOMPANHAMENTO DOS (AS) ALUNOS (AS) DA EDUCAÇÃO INFANTIL: análise de um Estudo de Caso**

Neste tópico discute-se os resultados alcançados na coleta de dados das entrevistas realizadas: a primeira aplicada com a única professora da Educação Infantil da Escola pesquisada, a segunda com a gestora da escola e por fim, entrevistas realizadas com 9 pais de alunos (as) da Educação Infantil.

Porém, antes de adentrarmos na análise, é necessário contextualizar a pesquisa abordando os conceitos de participação, que vai muito além de estar em algum meio social, mas que trata exatamente de uma característica natural do ser humano em realizar, agir e mudar o seu meio.

Pateman (1992) afirma que o termo participação não possui uma definição precisa e que em muitos casos não possui nem mesmo uma definição. Apesar disso, um bom número de autores que escreveram sobre administração abordam noções de participação em seus livros e inserem seus conceitos no campo das relações humanas. É o caso de McGregor, ao contextualizar a participação, que:

Consiste basicamente na criação de oportunidades, sob as condições adequadas, para que as pessoas influam nas decisões que as afetam. Essa influência pode ser de pouca a muita... [participação] constitui um caso especial de delegação no qual o subordinado adquire um controle maior, uma maior liberdade de escolha em relação a suas próprias responsabilidades. O termo participação é usualmente aplicada à maior influência do subordinado sobre assuntos de responsabilidade do superior. (MC GREGOR, 1960, apud PATEMAN, 1992, p. 93),

Todavia, Pateman (1992) recorda que na linguagem comum, utilizamos o termo participação num sentido bem mais amplo, abrangendo quase qualquer

situação onde ocorra um mínimo de interação, no qual muitas vezes implica apenas o fato de um indivíduo particular estar presente numa atividade de grupo.

Porém, como abordado nas definições de McGregor (1980), a participação está intimamente ligada à tomada de decisões, desde pequenas à grandes influências no meio em que se está inserido e que a grande questão envolvida no sentido da participação, concerne àquela que envolve uma modificação no seu meio.

Segundo Diaz Bordenave,

a participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a auto expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros (DIAZ BORDENAVE, 1995, p. 16).

Diaz Bordenave ainda discute sobre um exemplo que faz jus ao abordado nesta pesquisa: a participação da comunidade da escola e da escola na comunidade e como essa relação poder trazer diversas vantagens para os envolvidos. Como é o caso dos conteúdos curriculares definidos pelo Ministério da Educação que o autor exemplifica:

Se os professores, que tratam diretamente com alunos das mais diversas origens e classes, e os pais dos alunos participassem na elaboração dos currículos, ou pelo menos na sua adaptação, seria detectada a irrelevância de muitos conteúdos para os alunos de classe operária e rural. Se os pais dos alunos tivessem maior participação na vida da escola, poderiam fazer com que os horários e calendários escolares, os trabalhos práticos e as pesquisas dos alunos fossem mais adequadas as suas necessidades e interesses (DIAZ BORDENAVE, 1995, p. 60 - 61).

Outra vantagem da maior participação da escola na comunidade, abordada pelo autor, seria a respeito da redução de distância que existe entre ela e o mundo do trabalho, ou seja, incrementaria a inter-aprendizagem entre os diversos setores produtivos da comunidade, que, conseqüentemente, ampliaria o alcance educativo da escola.

Para todas as coisas, a participação escola-comunidade constitui um laboratório vivo onde os futuros cidadãos aprendem a difícil arte da convivência democrática. Deste modo, abordaremos os resultados desta pesquisa, levando em

consideração que a participação da família na escola está intimamente ligada à ação de tomar decisões e não ser expectadora do seu meio.

#### **4.1 Percepções da professora frente à participação da família no acompanhamento dos (as) alunos (as)**

Foi essencial para essa pesquisa documental e empírica enriquecê-la com a percepção que a professora da escola possui acerca da participação da família. Através da entrevista aplicada com a professora da Educação Infantil, foi possível analisar e verificar a concordância entre a visão desta com os autores que fundamentaram esta pesquisa.

Serão discutidos aqui assuntos referentes ao processo de aprendizagem na Educação Infantil, as percepções a respeito da relação entre família e escola e a importância da participação da família nesta etapa da aprendizagem infantil.

A Professora é responsável por lecionar nas duas únicas turmas de Educação Infantil da Escola Municipal Germano Garcês, que possui 30 alunos na turma de Infantil I e 21 alunos na turma de Infantil II. Possui 57 anos, dentre os quais 25 anos foram dedicados à docência. Possui renda familiar de até 3 salários mínimos e formação acadêmica em Letras.

Neste subitem serão abordados duas unidades temáticas, a primeira delas será dedicada ao processo de aprendizagem da Escola estudada abrangendo as suas dificuldades em relação aos métodos, os meios de avaliação, etc. Na segunda unidade será abordado sobre como é percebida a relação família e escola pela professora e todos os impactos que essa relação tem gerado para os envolvidos.

##### **a) Processo de Aprendizagem:**

Quando questionada a respeito das formas de avaliação que a professora mais utilizava, a mesma comentou que o método mais utilizado em sala de aula é a observação e assinalou a importância da observação de cada aluno (a) como um indivíduo único, que necessita de atenção especial:

[...] Observo cada aluno, como ele age na escola, o que ele traz de bagagem, se ele já consegue interagir com os outros. Avalio também a forma como ele pega no lápis, ou seja, a coordenação motora. Porque a partir do momento que essa criança tem uma coordenação motora boa, já dá para perceber que ela vai se desenvolver rápido. Outro ponto importante que observo é a fala, avaliar a linguagem dele. E também na escrita. Depois dessa observação, já vou dando atividades com pinturas, atividades de cobrir linhas, letras. Tem crianças com dificuldade e outras que já chegam aqui na escola com uma bagagem muito boa. (Professora).

A avaliação por meio da observação é um dos meios mais eficazes para o processo de aprendizagem destas crianças, pois a partir dela que o professor passa a compreender melhor seus alunos e conhecer como eles se comportam mediante as propostas de atividades, tanto de forma coletiva como individual.

Romão (2005, p.101) ao relatar sobre o meio de avaliação a partir da observação, destaca que esse tipo de avaliação é, “também, um processo de conscientização sobre a ‘cultura primeira’ do educando, com suas potencialidades, seus limites, seus traços e seus ritmos específicos”, ou seja, é a maneira que os professores têm para obterem uma resposta sobre seu ensino, de forma a poder auxiliar os alunos na superação de possíveis dificuldades de aprendizagem e para que o próprio docente consiga reformular ou adaptar seus procedimentos didático-pedagógicos ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem.

A respeito do que mais eles desenvolvem nessa fase, a Professora destacou o desenvolvimento da fala, da arte de ouvir e a memorização. Quando aos aspectos que ela considerava mais importante nessa fase de aprendizagem, a Professora relatou:

[...] A coordenação motora, grafismo, a interação e o respeito com os outros colegas, obedecer às regras da escola. Também é importante a aprendizagem pelo método tradicional. Saber diferenciar o espaço da rua, do espaço da escola. Saber o que pode e não pode. Saber realmente que existem regras (Professora).

A escola tem esse papel importante na formação do indivíduo como pessoa, como formador de opinião e consciente de sua relação com o mundo. Na educação infantil isso não pode ser deixado de lado. A escola possui um caráter formador que aprimora valores e atitudes, capacitando-as a buscar informações.

Segundo Dias e Vasconcelos (1999), a escola desempenha um papel importante na formação sócio moral da criança. Isso porque na escola existe uma

troca social favorável ao fortalecimento de comportamentos morais. Segundo as autoras, não são os conteúdos aprendidos na escola o fator primordial para formação de estruturas de consciência nas crianças, mas sim o convívio com as pessoas ao seu redor.

Na visão de Galvão (2004) os objetivos centrais da Educação Infantil são a oferta de um espaço que seja propício para a expressão da gestualidade e da brincadeira, que possam desafiar o pensamento cognitivo juntamente com a introdução de conteúdos significativos a essa fase. Ou seja, a formação moral do indivíduo deve estar aliada ao incentivo da interação da criança com seu meio.

Ao ser questionada sobre o que a Professora fazia com os alunos que apresentavam maior dificuldade, a mesma respondeu que a atenção redobrada e a maior insistência são essenciais para que a turma fique em harmonia e o processo de aprendizagem seja mais eficaz.

[...] Oferecer atividades diferenciadas para cada tipo de aluno. As atividades não podem ser iguais. Enquanto uns já estão avançados, e outros não estão conseguindo acompanhar, eu insisto com os que apresentam maiores dificuldades para que eles possam depois passar para o mais avançado. Jamais deixo esses alunos de lado, muito soltos. Chamo para mais perto e fico bastante de olho neles, para que tão logo eles possam seguir o ritmo dos outros alunos (Professora).

O primeiro passo para superar a dificuldade de aprendizagem dos alunos da Educação Infantil, é, segundo Oliveira (2014), identificar quais são as suas reais dificuldades. Após a identificação é necessário agir de forma coerente a uma conduta profissional, respeitando a relação aluno e professor, sem que haja discriminação ou mesmo indiferença a estas dificuldades por parte do educador.

A autora Oliveira (2014) ainda afirma que é indispensável o reconhecimento por parte do professor, de que nenhuma criança aprende igual e que as causas das dificuldades de aprendizagem podem estar ligadas a diversos fatores, entre eles a falta de participação da família na educação do (a) aluno (a) e a falta de incentivo para o estudo. Este tema será abordado no próximo subitem.

Dockrell e Mcshane (2000, p.22) atestam que “as crianças com dificuldades de aprendizagem em geral possuem estratégias de execução pobres e motivação reduzida para tentar resolver determinada tarefa, por causa de uma história de

fracassos”. Esses fracassos, segundo os autores, estão intrinsicamente relacionados ao ambiente, que desempenha grande influência na manifestação de dificuldades de aprendizagem. Ou seja, o local onde a criança vive, as pessoas com quem mora e não apenas a escola.

Bourdieu e Passeron (2015, p. 96) também contribuem com a análise das situações de fracasso escolar pelo campo do capital cultural, herança cultural e ideologia do dom, abordadas no subitem 3.1 deste trabalho monográfico, mais ainda a essa relação de fracasso ao afirmar que os estudantes das classes baixas atribuem os seus resultados a um simples produto do que são e o pressentimento obscuro de seu destino social apenas reforça as chances de fracasso.

Uma das estratégias importantes neste processo de superação das dificuldades de aprendizagem é a utilização de atividades lúdicas em sala. Quando questionada a respeito da utilização de atividades lúdicas, a Professora informou que é um dos meios em que ela mais se utiliza, principalmente a música e aponta que as atividades lúdicas são essenciais para o processo de aprendizagem dos alunos:

[...] Uso muita música, brincadeiras de andar pela sala, botar cordas ou fitas no chão, dança. Utilizamos as cantigas para ver se eles sabem pronunciar as palavras da forma correta. Faço brincadeira de rodinhas. Brincar com as cadeiras, saber quem é o primeiro, o segundo, o terceiro, ou seja, aprender os números ordinários. É muito importante contar historinha, ouvir o que eles entenderam da história. Pedir para eles ilustrarem o que eles ouviram, desenhar o que eles entenderam, os personagens, as cores retratadas na história. Fazer rodinhas para facilitar a comunicação. O lúdico é muito importante na vida da criança (Professora).

Sobre este tema, Vygotsky (1991, apud ROLIM, GUERRA e TASSIGNY, 2008, p.177) comenta que “o lúdico influencia enormemente o desenvolvimento da criança. É através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração”.

A utilização da brincadeira no cotidiano da escola é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil. Sobre isso Santos (1997, p. 20) afirma que através das atividades lúdicas, a criança “forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça as habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se a sociedade e constrói o seu próprio conhecimento”.



Ao ser questionada sobre o índice de faltas semanais dos (as) alunos (as), a professora comentou sobre um número significativo de alunos (as) que faltam, atribuindo esse fator ao comportamento dos pais, que no fim de semana não levam os filhos na escola por acreditarem que a escola é somente para brincar.

[...] Os dias que mais faltam alunos são dia de segunda e sexta feira. Tem dia que faltam 6, sete, até 10 alunos. Ou seja, é um máximo de 10 faltas por dia e no mínimo 6. Isso acontece geralmente porque os pais ainda tem aquele mito: 'Ah, ultimo dia, não vou mandar. A criança só vai pra brincar, não precisa ir hoje' (Professora).

É preciso deixar claro que as brincadeiras em sala de aula não significam uma negligência da responsabilidade sobre o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento, pelo contrário, “as crianças necessitam de limites para sentirem-se em segurança, mas de limites que se devem apenas ao perigo real que suas transgressões implicariam para a integridade de seu organismo ou a dos outros” (DOLTO, 1999, p.109).

Se a participação dos pais na educação dos filhos fosse mais intensiva, as conclusões a respeito deste poderia reduzir este grande problema que é o absenteísmo em sala de aula. A seguir apresentaremos como acontece a relação família e escola na visão da Professora.

#### b) Relação Família e Escola

Quando se trata da visão da escola, a participação dos pais na educação dos filhos está relacionada a pontos muito específicos, como o comparecimento às reuniões de pais e mestres, atenção à comunicação escola–casa e, sobretudo, acompanhamento dos deveres de casa e das notas. (Carvalho, 2000). Isso se traduz na fala da professora, que ao ser questionada sobre a participação dos pais na escola, responde:

[...] Não vou generalizar isso, porque tem mãe que eu nem conheço. Tem mãe presente que vai, pergunta como o filho está, pergunta sobre as atividades. Enquanto tem outras que não aparecem. Que só vão quando é pra brigar, quando por exemplo acontece algo com o ônibus, alguma coisa do tipo e elas tão lá. (Professora).

A professora ainda continua:

Eu percebo também que a escola Germano Garces chama pouco os pais. Eles só vão quando são chamados pra alguma reunião. Eu falo para eles:

apareçam, venham aqui, a porta da escola tá aberta. E poucos vem (Professora).

Ou seja, do ponto de vista da professora, os pais não estão participando das atividades porque há dois extremos: a falta de interesse dos próprios pais e a inércia da escola em inserir mais atividades para que os pais possam adentrar na escola.

Inclusive, ao ser questionada sobre a visita dos pais durante as aulas, ela demonstrou que era inexistente e que há alguns anos atrás ela era procurada pelos pais sem ser em momentos de reunião, mas atualmente isso não acontece mais, a não ser que a escola realize atividades extras e comemorativas.

Nesses momentos, eles se interessam, quando a gente pede pra trazer alguma coisa ou realizamos um evento aí nesses momentos eles vão. (Professora).

Esse interesse, porém, não se estende ao ambiente familiar, pois as atividades passadas para casa voltam à escola sem serem concluídas.

Eu peço, mando atividade pra casa e eles voltam do mesmo jeito. A família deixa muito a desejar. (Professora).

É importante destacar sobre esse aspecto, que o dever de casa é concebido como parte integrante do processo ensino-aprendizagem, não só porque contribui com o trabalho do professor, mas impacta também a vida dos estudantes fora da escola e sua rotina familiar, pois supõe o vínculo entre as atividades de sala de aula e de casa, e uma estrutura familiar adequada apoiando as atividades escolares. Nesse sentido, o foco no dever de casa pode servir como oportunidade para olhar as relações família–escola e abordá-las de vários ângulos.

A respeito dessa ausência da família no ambiente escolar, não somente os professores sentem, mas os próprios alunos, como comenta a professora:

[...] Tem uns que choram pedindo a mãe. Que ficam perguntando toda hora: ei, tia, falta muito tempo pra ir pra casa? Por isso é importante utilizar o relógio, os calendários e já trabalhar com isso pra aprender. No início é que eles sentem mais falta, mas depois vão se acostumando (Professora).

A retratar a culpa pelo baixo rendimento do(a) aluno(a), é possível identificar o que aborda Carvalho (2004), que as relações entre famílias e escolas,

pais/mães (e outros responsáveis) e professoras/professores também comportam tensões e conflitos como podemos identificar na fala da professora:

[..]A exemplo de duas crianças que saíram da escola para irem estudar em uma escola particular e toda hora eu escutava uma indireta em forma de piadinha sobre o rendimento deles: fulano tá aprendendo isso, isso e isso. Como se fosse no sentido de que na escola particular ele estava aprendendo, mas na minha sala de aula não e que não contribui em nada para o rendimento dele (Professora).

Carvalho (2004) trata desse tema ressaltando que algumas famílias e pais/mães participam mais do que outras; e se as professoras, por um lado, desejam ajuda dos pais, por outro lado, se ressentem quando este envolvimento interfere no seu trabalho pedagógico e em sua autoridade profissional.

Apesar dos professores terem essa carga de responsabilidade sobre o ensino dos alunos, a família também contribui para que o desempenho do aluno seja satisfatório ou não, como comenta a professora:

[...] Isso influencia muito. Na minha sala de aula já tiveram crianças que mudaram de comportamento de repente e depois de um tempo agente ficou sabendo que a criança estava passando por um problema familiar (Professora).

Segundo Malho (2006, s/p) “[...] a intolerância, a agressividade, o desinteresse a superproteção, marcam a personalidade da criança conduzindo-a a comportamentos anormais que muitas vezes refletem nas atitudes face à escola”, comportamentos anormais esses que vão desde morder os colegas de classe, como não prestar atenção às atividades, ou seja, quando a família não vai bem a uma crise de autoridade, isso afeta a criança.

Com relação ao perfil da família que mais acompanha as atividades dos filhos na escola e em casa, a Professora identificou que em sua maioria são as Mães, dentre elas, principalmente as que trabalham em período integral e possuem dupla jornada:

[...] Por incrível que pareça, mas os pais que mais se interessam pela aprendizagem da criança são os pais que trabalham. Por que tem mãe que passa o dia todo em casa mas não liga para a criança. Enquanto outras, se interessam mais. A tirar por uma mãe que conheço, que trabalha o dia todo, chega em casa cansada, mas quando chega do serviço, abre a bolsa da aluna, verifica as atividades, manda mensagem dizendo que tá fazendo a atividade que quer tirar uma dúvida. Tem mãe que nem abre a bolsa da

criança. Geralmente são as mães que estão o dia todo em casa. A criança volta sem o lápis, sem o caderno (Professora).

Este ponto a respeito da maioria dos acompanhantes serem mães e avós (mulheres), será comprovado na análise de resultados com a amostra de responsáveis e será debatido nesse tópico específico.

#### **4.2 Percepções da gestora frente à participação da família no acompanhamento dos (as) alunos (as)**

Como forma de enriquecer a percepção da escola acerca do tema, foi interessante complementar a pesquisa acrescentando a visão da gestora da escola. Traremos nesta temática, a investigação de como essa participação acontece na realidade da Escola Germano Garcês e o que a escola tem feito para aproximar essa relação.

A gestora da escola possui 58 anos, sendo que 15 anos de sua vida foram dedicados à direção da escola e formação em Pedagogia e Magistério. Quando questionada a respeito do que tem sido feito para aproximar os pais da escola e com que frequência essas atividades acontecem, a gestora respondeu:

[...] Apenas as reuniões e festas comemorativas. Como essa interação acontece apenas em reuniões, elas acontecem bimestralmente, que antigamente eram feitas com todas as turmas juntas e agora estão sendo em salas separadas (Gestora).

Esta informação reforça o que a Professora demonstrou em sua entrevista: que a participação dos pais poderia ser melhor caso a escola oportunizasse meios melhores de aproximação, porém, esses meios precisam ser eficazes, pois, como comentou a gestora, eles já haviam realizados outras formas de aproximação que não funcionaram:

Criei o dia da família na escola, tratava-se de um dia na semana que um familiar de cada criança ia na escola assistir a aula com seus filhos. Só que não funcionou. Na verdade, só funcionou no primeiro ano e depois os pais relaxaram, E todo ano eu bato nessa tecla. E isso influencia no desenvolvimento do aluno, principalmente no comportamento deles (Gestora).

Essa ausência afeta diretamente no desempenho do(a) aluno(a), como a gestora pode observar:

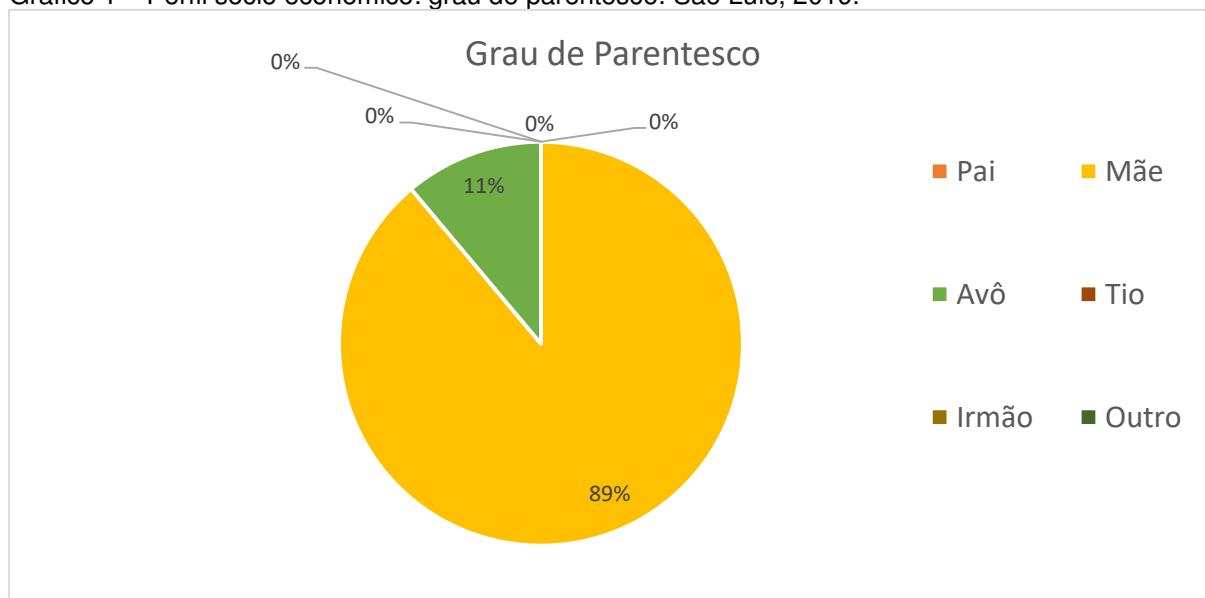
[...] Já constatei que os alunos que tem mais participação dos pais se desenvolvem melhor em sala de aula. Os pais se interessam e o filho aprende mais e até o comportamento dele é diferente (Gestora).

Esse item de percepções da gestora frente à participação da família no acompanhamento dos alunos está apresentado de forma sucinta considerando a eminente objetividade das repostas apresentadas pela gestora da escola pesquisada.

#### 4.3 Percepções dos pais em relação ao acompanhamento do desempenho dos filhos na escola

Em se tratando do perfil sócio econômico dos entrevistados, observa-se no Gráfico 1 que 89% são mães e 11% é de avós, o que significa que 100% são mulheres.

Gráfico 1 – Perfil sócio econômico: grau de parentesco. São Luís, 2019.



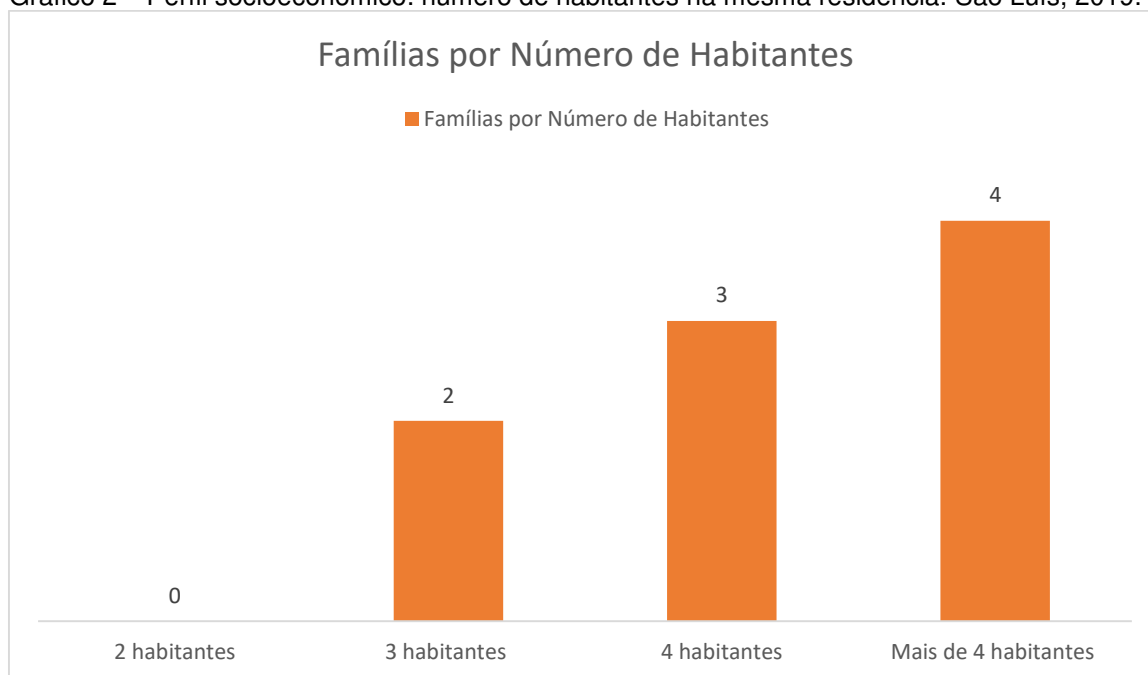
Fonte: Autora, 2019.

Do ponto de vista de Carvalho (2000), admitindo uma avaliação de gênero, a autoria reconhece que a política pode trazer consequências indesejáveis como a contribuição da divisão sexual do trabalho de cuidado e educação infantil que, historicamente, tem admitido essa responsabilidade exclusivamente às mulheres, ampliando nesse caso os deveres domésticos das mães de modo a incluir a instrução escolar.

Carvalho (2000, p. 151) acrescenta que “o modelo típico de ambiente familiar associado ao sucesso escolar baseia-se numa divisão de trabalho em que a responsabilidade pelos filhos ainda recai mais sobre as mães do que sobre os pais”.

Em relação ao número de habitantes na mesma residência, é possível observar no Gráfico 2 que 4 famílias desses alunos possuem famílias com mais de 4 habitantes na mesma residência.

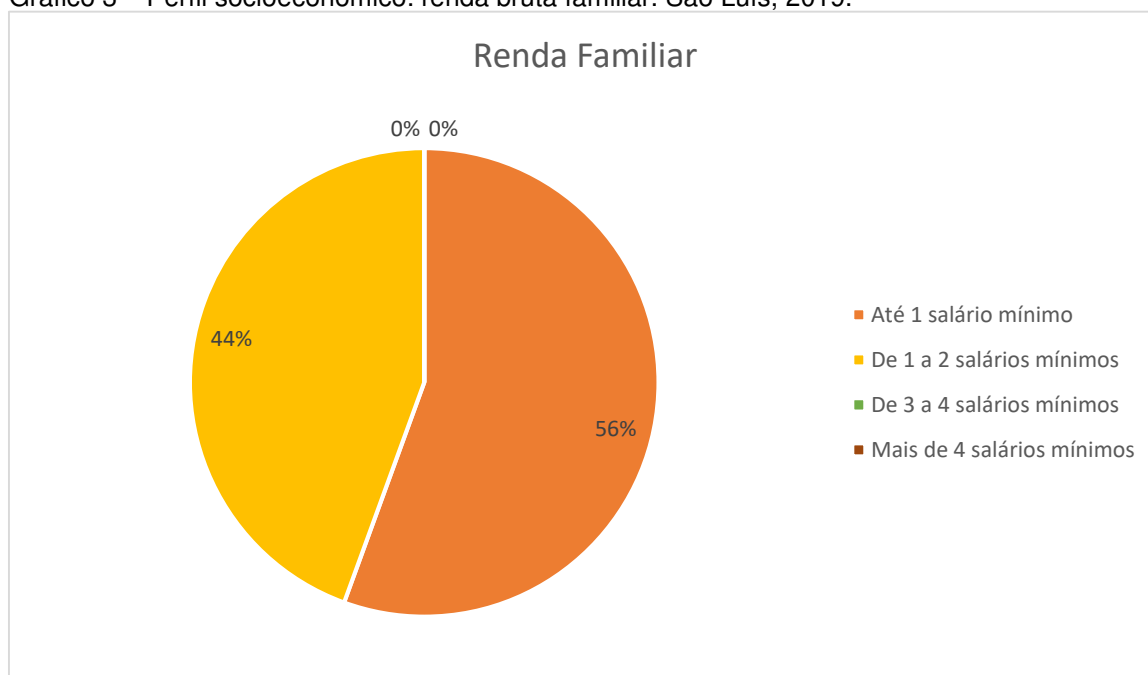
Gráfico 2 – Perfil socioeconômico: número de habitantes na mesma residência. São Luís, 2019.



Fonte: Autora, 2019.

No que se refere à renda bruta familiar, mais da metade das famílias entrevistadas vivem com menos de um salário mínimo, como mostra o Gráfico 3. Ao cruzar os dados do Gráfico 2 com o Gráfico 3 é possível identificar que essas famílias com mais de 3 habitantes precisam se sustentar com apenas um salário mínimo.

Gráfico 3 – Perfil socioeconômico: renda bruta familiar. São Luís, 2019.



Fonte: Autora, 2019.

A respeito da influência econômica familiar na educação, Bourdieu (2002) fala que, em suas pesquisas, estudantes de classe média ou da alta burguesia, pela proximidade com a cultura “erudita”, pelas práticas culturais ou linguísticas de seu meio familiar, teriam maior probabilidade de obter o sucesso escolar, ou seja, demonstrava que existe uma significativa relação entre a cultura e as desigualdades escolares.

Na verdade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 1998, p. 42)

Nas pesquisas de Bourdieu (1998), famílias com baixa posse econômica e de camadas mais populares da sociedade, não acompanhavam a vida escolar dos filhos e nem havia uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar, pois os interesses desse grupo eram apenas que os filhos estudassem o suficiente para se manter.

Quando as mães/avós das crianças dessa pesquisa foram questionadas em relação ao comparecimento na escola quando são solicitados, todas responderam que compareciam. Porém, um dos discursos ganha destaque nessa discussão quando afirmou que a escola solicitou apenas uma vez a sua ida à escola sem ser para reuniões.

Quanto ao acompanhamento das tarefas e agendas escolares, todos responderam que acompanham a agenda e as atividades que são passadas para serem realizadas em casa.

*Sim. É importante pra ela, tá acompanhando, ajudando ela a responder a atividade dela, aí vem duas vezes na semana atividade pra casa (Responsável 1).*

*Diariamente. Por que eu quero sempre saber o que vem e o que deixa de vim, quero tá ciente da situação dela na escola (Responsável 2).*

A respeito das atividades que a professora passa para que eles (as) façam em casa, a maioria das mães/avós informou que as atividades chegam em média duas vezes na semana, porém uns concordam com essa metodologia e outras acham que é pouco. Uma das mães/avós comenta:

*Duas vezes na semana, não acho que ela mande pouca pra casa, até por que ela faz lá e eu olho o caderno dela toda vez que ela chega da escola; Agora eu sei que ela faz lá (Responsável 3)*

Enquanto outra aponta:

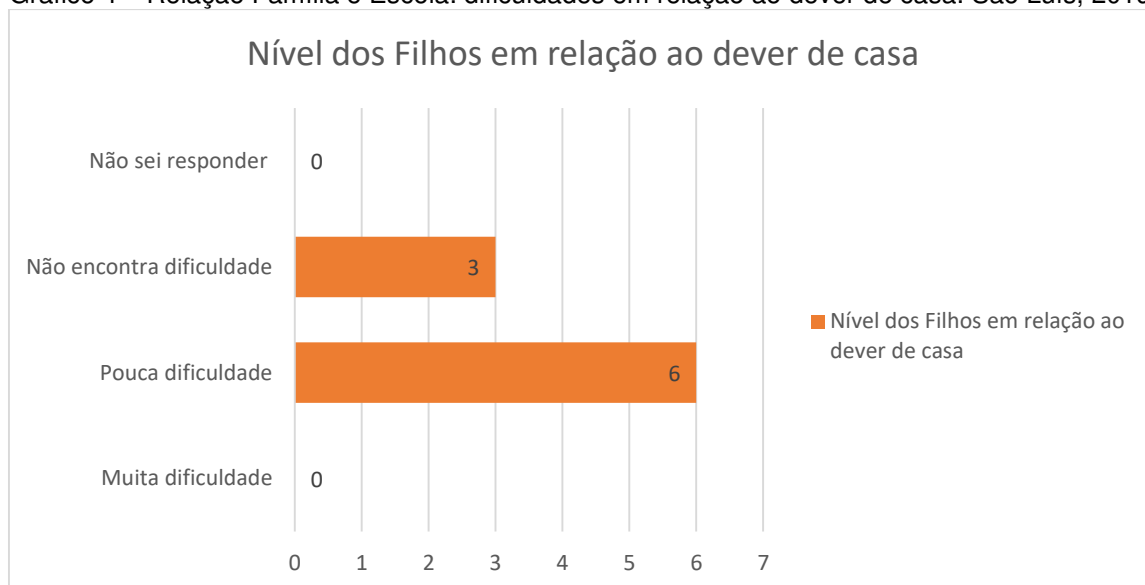
*Durante a semana, uma vez só que vem atividade pra casa, uma ou duas. Eu acho pouco. Bem pouco mesmo, era pra vir acho que diariamente (Responsável 4)*

Tiba (1996, p.107) afirma que “cabe aos pais conferir a lição e checá-la todos os dias. Se os pais não tiverem método, os filhos deixarão de cumprir com suas obrigações. Os estudos são responsabilidade da família”.



Quanto a dificuldade que os filhos tinham nessas atividades de casa, a maioria das responsáveis afirmou que elas encontravam pouca dificuldade e 3 das 9 entrevistadas afirmaram que os (as) filhos (as) não encontravam dificuldade alguma.

Gráfico 4 – Relação Família e Escola: dificuldades em relação ao dever de casa. São Luís, 2019.

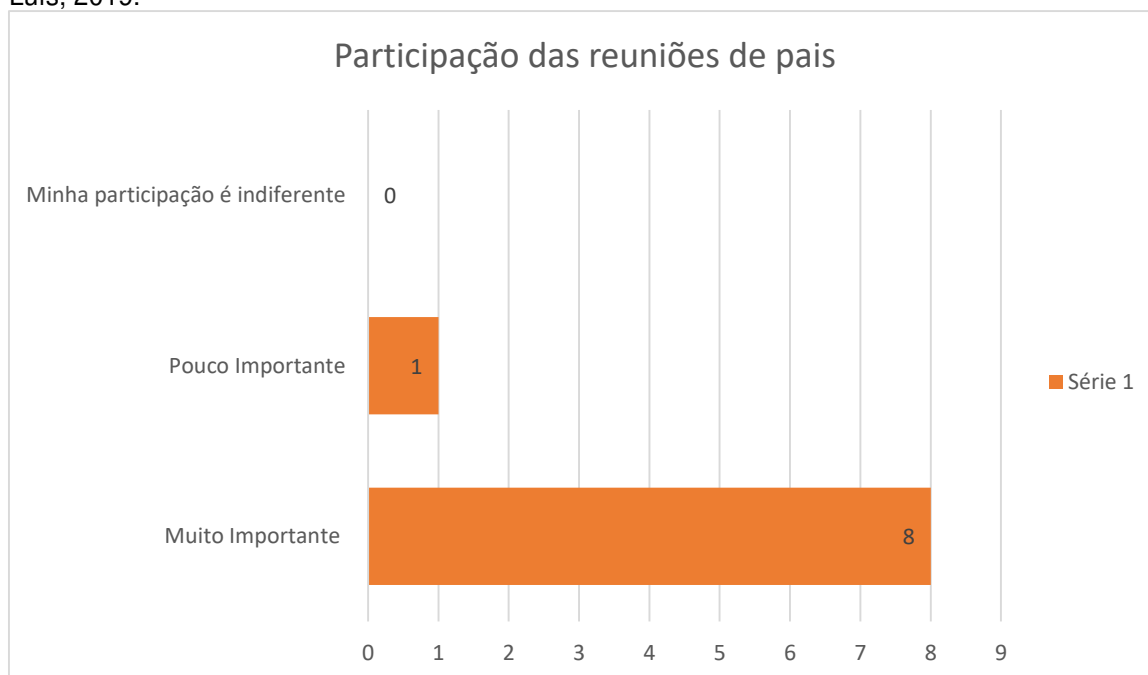


Fonte: Autora, 2019.

Segundo pesquisadores, os alunos que possuem maior desempenho na escola, melhores notas e um maior nível educacional, são normalmente filhos de pais que fazem cobrança, que perguntam sobre, ou se oferecem para ajudar nos deveres de casa, e ainda acompanham as atividades escolares, que estimulam o hábito da leitura (CARVALHO e BURITY, 2005).

Em se tratando do nível de importância que os pais admitiam em relação à reunião de pais, é possível verificar no Gráfico 5 que 8 dos 9 participantes afirmaram ser algo muito importante e apenas 1 dos responsáveis afirmou ser pouco importante.

Gráfico 5 – Relação Família e Escola: nível de importância da participação na reunião de pais. São Luís, 2019.

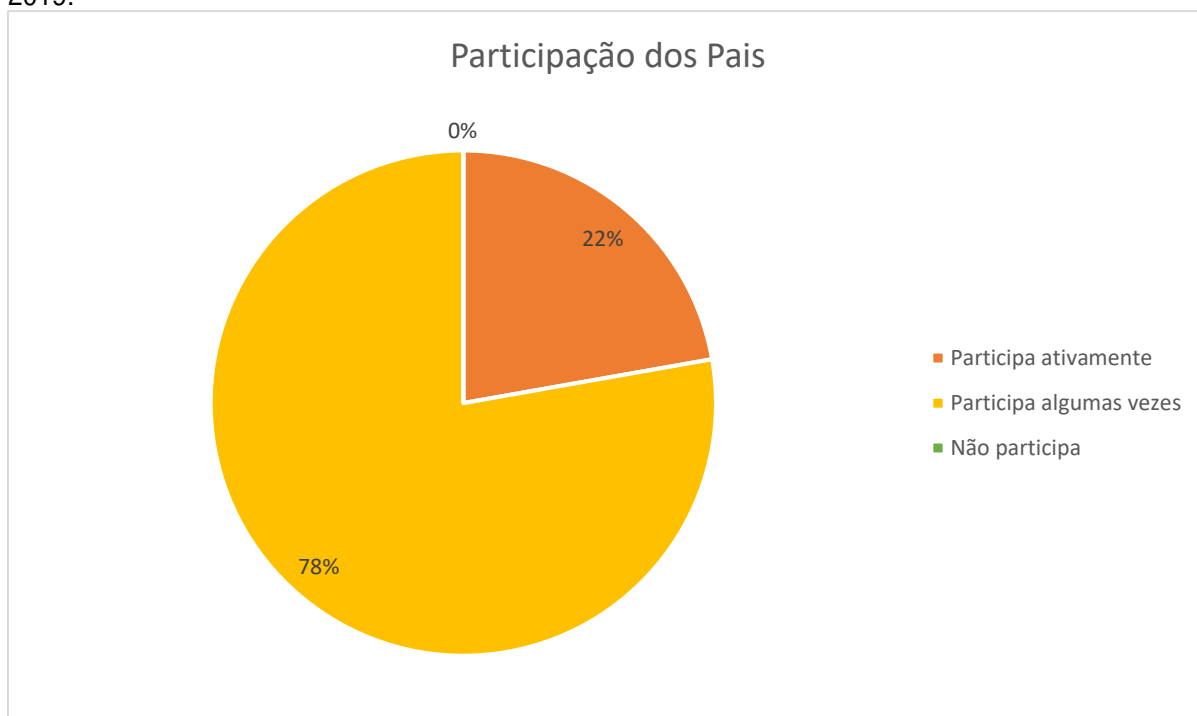


Fonte: Autora, 2019.

O principal objetivo das reuniões de pais é trocar interesses, compartilhar desafios e sempre com a visão de discutir estratégias para a evolução da aprendizagem e o que pode ser melhorado. (SILVA apud HEIDRICH, 2009). As reuniões de pais e professores não devem ser um mero evento institucional que a escola promove com o objetivo de dar algumas justificativas ou explicações aos pais.

Quanto à frequência na participação de eventos na escola, 78% afirmou que participa algumas vezes e apenas 22% participa ativamente.

Gráfico 6 – Relação Família e Escola: participação dos pais em relação a eventos na escola. São Luís, 2019.



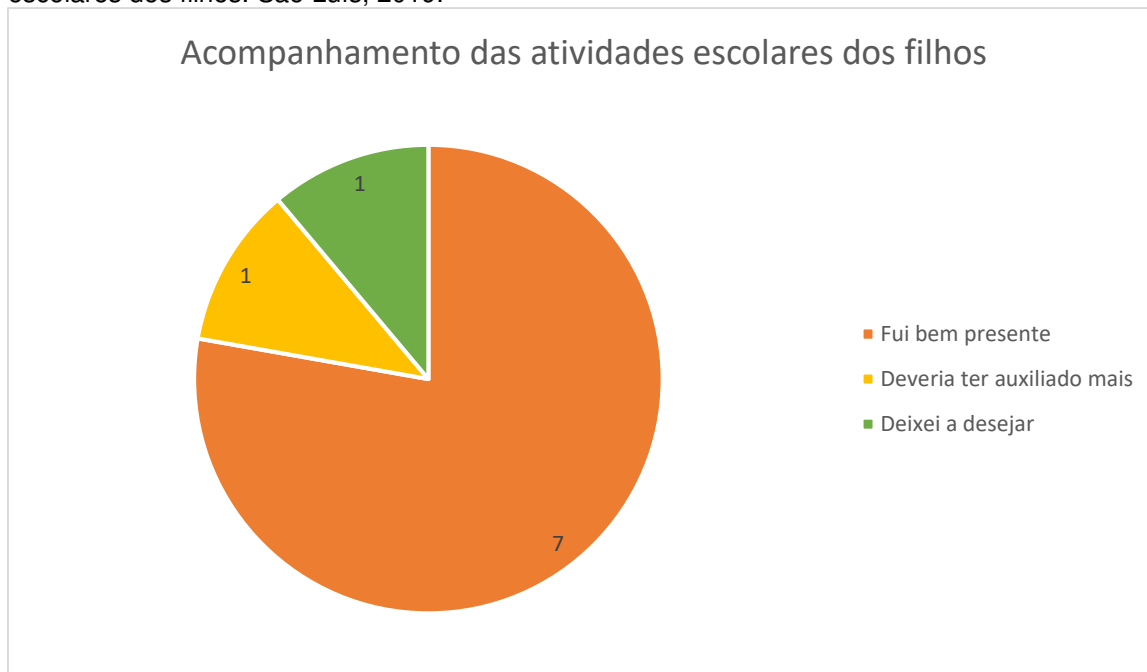
Fonte: Autora, 2019.

Outra importante forma de incentivar e estimular a participação dos pais na educação dos filhos é inseri-los em eventos escolares, pois se torna um meio de conhecer a escola e o trabalho realizado pela instituição. O que é perceptível nestes dados é que a participação destes pais ainda é pouca, comparado ao que se esperava que era uma participação ativa, ou seja, aquela que está ligada à tomada de decisões, desde pequenas à grandes influências no meio em que se está inserido.

A participação nos eventos também é uma forma de concretizar a participação da família na rotina escolar dos filhos. De maneira que os filhos também sintam essa participação e sejam motivados.

A respeito de como os pais avaliam a sua própria participação das atividades escolares dos filhos, o gráfico 7 nos mostra 7 desses 9 entrevistadas acham que são bem presentes, o que não é compatível com os gráficos anteriores.

Gráfico 7 – Relação Família e Escola: avaliação dos pais quanto sua participação nas atividades escolares dos filhos. São Luís, 2019.

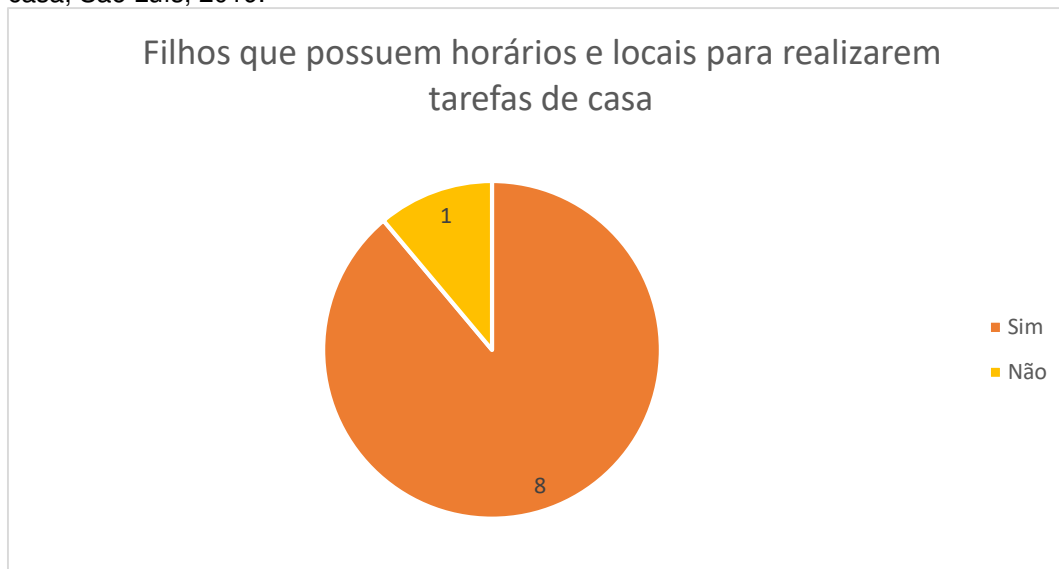


Fonte: Autora, 2019.

Em se tratando da questão dos (as) filhos (as) possuírem um local ou horário organizado para realizar as tarefas da escola, é possível identificar no Gráfico 8 que 8 das 9 entrevistadas, ou seja, quase todos, possuem um lugar adequado para estudo, segundo os responsáveis.

Alves (2013) aconselha que o lugar de estudo da criança seja um espaço ventilado e iluminado, com uma mesa onde ela possa colocar seu material e estudar sentada e no caso de várias crianças na mesma casa, o autor sugere que elas estudem no mesmo horário, dividindo o mesmo espaço para estimular o trabalho de contribuição.

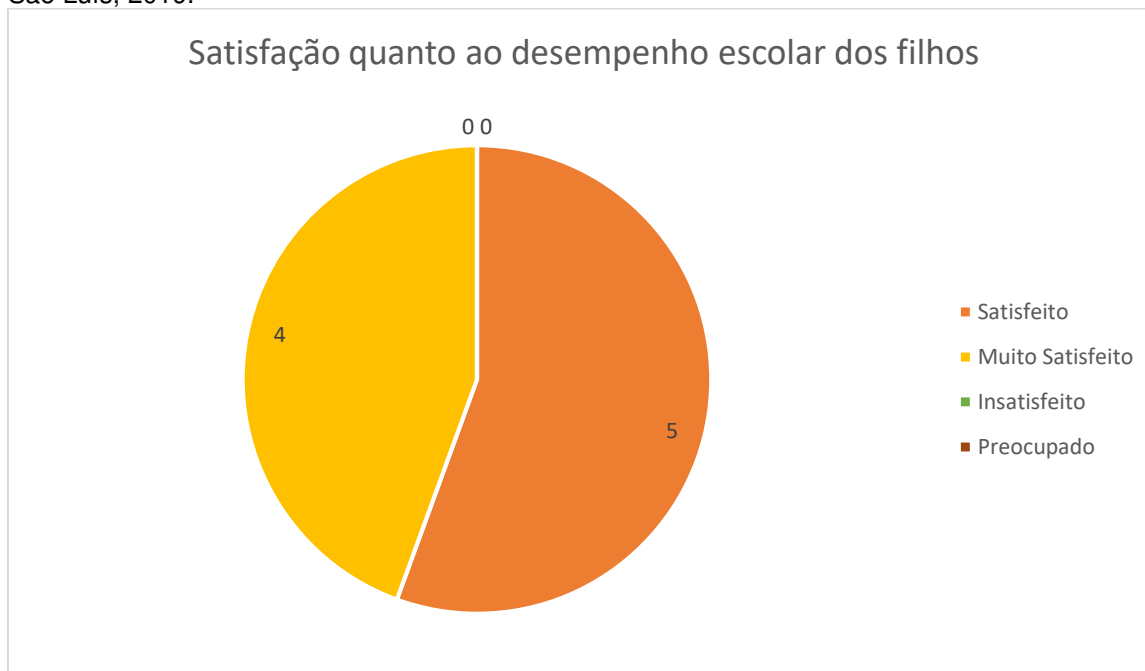
Gráfico 8 – Relação Família e Escola: filhos que possuem horários e locais para realizarem tarefas de casa, São Luís, 2019.



Fonte: autora, 2019.

A respeito da satisfação das mães/avós quanto ao desempenho dos (as) filhos (as) na escola, 5 entrevistadas afirmaram estar satisfeitas e 4 estão muito satisfeitas. Como mostra o Gráfico 9.

Gráfico 9 – Relação Família e Escola: satisfação dos pais quanto ao desempenho escolar dos filhos. São Luís, 2019.

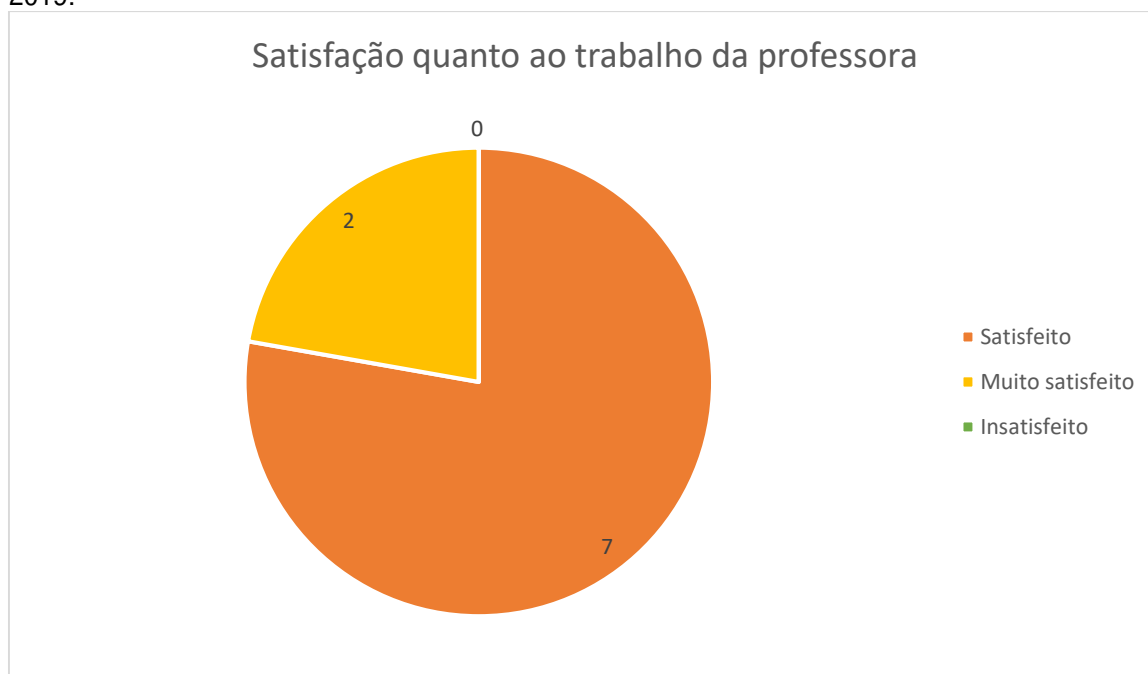


Fonte: Autora, 2019.

Isso implica dizer que mesmo não participando ativamente do cotidiano escolar dos (as) filhos (a), eles consideram satisfatório o nível de desempenho deles, ou seja, é mais conveniente afirmar que está indo tudo bem do que se confrontar com a realidade e ver que eles são também responsáveis por esse desempenho.

A respeito da satisfação dos responsáveis quanto ao trabalho da professora, 7 das entrevistadas afirmaram estar satisfeitas e 2 afirmaram estar muito satisfeitas, como é possível identificar no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Relação Família e Escola: satisfação dos pais quanto ao trabalho da professora. São Luís, 2019.



Fonte: Autora, 2019.

Mais uma vez é possível observar neste gráfico que os pais podem estar atribuindo a responsabilidade da educação dos filhos apenas à professora e a instituição escolar, pois se mostram satisfeitos mesmo tendo pouca participação.

O que pode ser observado ao longo deste trabalho é que tanto família como escola desempenham papéis decisivos na educação da criança, distintos, porém complementares. Ou seja, para que a educação dada em casa aconteça de forma satisfatória é necessário haver uma parceria com a escola, para que assim a criança se torna um adulto capaz de contribuir positivamente para a sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo da educação formal escolar de crianças, sabe-se da importância da família na formação integral e sua articulação com a escola tem sido cada vez mais incentivada ao longo do tempo devido aos vários fatores positivos que essa relação pode oferecer ao aluno.

Durante a realização deste estudo foi possível perceber não só os meandros dessa relação, mas o quanto outros fatores, por exemplo econômicos, podem interferir para o resultado dessa parceria ser positivo ou negativo.

Para se chegar ao objetivo final deste estudo, o qual é analisar a participação familiar no contexto infantil e suas contribuições para o desenvolvimento integral da criança em uma comunidade quilombola de São José de Ribamar/MA, foi necessário, a partir de uma investigação, alcançar os objetivos intermediários que foram: compreender o nível de participação familiar no espaço escolar de uma comunidade quilombola; identificar quais contribuições a família pode oferecer aos filhos quando estes se inserem na educação infantil; e estabelecer relação entre o processo de aprendizagem na educação infantil e a participação familiar na escola.

Para compreender o nível de participação familiar no espaço escolar da comunidade quilombola de Juçatuba foi realizada uma entrevista com os profissionais da escola estudada, onde foi possível analisar as visões tanto da professora como da gestora da escola a respeito do tema.

Diante desses resultados percebeu-se um fator pertinente e diferente do que se esperava, os pais destas crianças possuíam pouca participação e que isso interferia no desempenho destes alunos na escola. Por outro lado, a escola não incentivava essa participação e havia pouco interesse por parte da gestão escolar, devido à frustração de um projeto de inclusão de pais que fracassou.

Outro dado relevante obtido foi em relação ao desempenho escolar dos filhos que era intrinsicamente relacionado ao acompanhamento que os pais davam em casa. Percebeu-se também que o próprio comportamento escolar destes alunos mudava de acordo com o ambiente familiar que eles viviam.

Para identificar quais contribuições a família pode oferecer aos filhos quando estes se inserem na educação infantil foi utilizada uma pesquisa bibliográfica abordando a visão de diversos pesquisadores da área. Percebeu-se que, pais mais

participativos facilitam a prática pedagógica dos professores e que os pais têm um papel importantíssimo na relação que os filhos têm com o meio natural e social.

Além dessas contribuições, foi possível perceber que principalmente na educação infantil, as crianças sentem apoio e confiança para aprender com pessoas mais experientes, podendo ser tanto pais, como professores, pois isso fortalece a motivação da criança e aumenta o seu desempenho escolar.

Para alcançar o objetivo de estabelecer relação entre o processo de aprendizagem na educação infantil e a participação familiar foi realizado um confronto entre dados primários – dados obtidos a partir da entrevista com os pais de alguns alunos, e dados secundários – dados obtidos a partir de pesquisa documental.

Nesse sentido, os resultados obtidos afirmaram que quanto maior o nível de escolaridades dos pais ou mães desses alunos, maior era a participação destes no acompanhamento dos filhos na escola e nas atividades escolares que eram realizadas em casa.

Outra regularidade importante nesta pesquisa é que está intimamente ligado ao nível de escolaridade dos pais, que se refere a fatores socioeconômicos. Famílias que possuem baixa renda acabam se tornando menos participativas e não concebem a educação como um investimento para melhoria de sua realidade.

A metodologia empregada nesse estudo foi essencial para perceber a veracidade das informações acerca do tema. Com a ajuda dos objetivos intermediários, o objetivo final do estudo foi alcançado. Para trabalhos futuros, sugere-se o aprofundamento através de um estudo mais detalhado do desempenho escolar e sua relação com a parceria família e escola, fazendo um estudo comparativo ao longo das séries iniciais.

Portanto, esta pesquisa justificou-se pela necessidade de entender o papel participativo das instituições a respeito da educação dos filhos porém, sem demonstrar os culpados pela ineficiência no aprendizado do (a) aluno (a), pelo contrário, pretendeu-se nesse estudo compreender o nível de participação de cada um e todas as sinuosidades que essa relação oferece. Ou seja, buscamos com esta pesquisa contribuir para que a participação familiar possa trazer melhores resultados na aprendizagem da criança na educação infantil.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Emanoelle Bonácio de. A relação entre pais e escola: a influência da família no desempenho escolar do aluno. Monografia. Campinas, 2014.

AQUINO, I. G. C. Serviço Social e Trabalho: os fundamentos teórico, metodológico e histórico da análise. 2010. 141 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de PósGraduação em Serviço Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

AQUINO, L. M. L. de. Creche universitária e produção do conhecimento sobre a infância. 2010. Projeto de Pesquisa–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Mimeografado.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Tradução Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 2002.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. O que é participação. , 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é Participação. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Bourdieu, P. (2002). A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura (Gouveia, A. J., Trad.). In Nogueira, M. A. & Catani, A. (Orgs.). Escritos e Educação (pp. 39-64). Petrópolis, RJ: Vozes.

BRAGA, M. da G. R.; AMAZONAS, M. C. L. de A. Família: Maternidade e Procriação Assistida. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 11-18, jan/abr. 2005.

BRAGA, M.G.R.; AMAZONAS, M.C.L.A. (2005). Família: maternidade e procriação assistida. Psicologia em Estudo, Maringá, 10(1), 11-18.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

\_\_\_\_\_, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.

CARVALHO, M. E. P., BURITY, M. H. Dever de casa: visões de mães e professoras. XXVIII Reunião Anual da Anped, Caxambu/MG, out. 2005. Disponível na Internet: <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt14/gt141575int.rtf>>. Acesso em: 25 set. 2019.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. Cadernos de Pesquisa, n. 110, p.143-155, jul. 2000.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 143-155, julho/2000.

CHALITA, G. Educação: a solução está no afeto. 8. ed. São Paulo: Gente, 2001.

CLERC, Paul. La famille et l'orientation scolaire au niveau de la sixième – enquête de juin 1963 dans l'agglomération parisienne. In: GIRARD, A.; BASTIDE, H. Population et l'enseignement: démographie et sciences humaines. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

CRAIDY, C. M. e KAERCHER, G. E. P. da S. (Orgs.). Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

DIAS, A., VASCONCELLOS, V. Concepção de autonomia dos educadores infantis. Temas em Psicologia da SBP, 1, 1999.

DOCKRELL, J., MCSHANE, J. Dificultades de aprendizaje en la infancia: un enfoque cognitivo. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1997.

DOLTO, F. A criança e o jogo. In: ---. As etapas decisivas da infância. São Paulo: Martins Fontes, 1999. P. 109-118.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. A importância da família. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). Família brasileira: a base de tudo. 5 ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNICEF, 2002.

FILHO, João Firminiano da Conceição. O impacto da política de crédito fundiário na sobreposição de territórios entre a comunidade quilombola de Juçatuba e o assentamento Bom Jardim II, Município de São José de Ribamar (MA), 2015. 89 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís.

FINELLI, L. AUGUSTO C.; SILVA, J. L. DA; AMARAL, R. DE A. Trajetória da Família Brasileira: O Papel da Mulher no Desenvolvimento dos Modelos Atuais. Humanidades, v. 4, n. 2, 2015

FINELLI, Leonardo Augusto Couto; DA SILVA, Jeanne Laís; DE ANDRADE AMARAL, Renata. Trajetória da família brasileira: o papel da mulher no desenvolvimento dos modelos atuais. Humanidades, v. 4, n. 2, 2015.

FUKUI, Lia. Família: conceitos, transformações nas últimas décadas e paradigmas. In: PALMA E SILVA, Luiz A.; STANISCI, Silvia Andrade; BACCHETTO, Sinesio. (Org.) FAMÍLIAS: Aspectos conceituais e questões metodológicas em projetos. Brasília, DF: MPAS/SAS; São Paulo, SP (Brasil): FUNDAP, 1998. p. 15-22. (Discutindo a assistência social no Brasil). Disponível em <[http://www.inss.gov.br/docs/familias\\_seas.pdf](http://www.inss.gov.br/docs/familias_seas.pdf)>. Acesso em: ago. 2018.

GALVÃO, I. Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOKHALE, S.D. A família desaparecerá? Revista Debates Sociais. N. 30, ano XVI. Rio de Janeiro: CBSSIS, 1980.

GOLDANI, Ana Maria. A Demografia “Formal” da Família: Técnicas E Dados Censitários. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 4., 1984, Caxambu, MG (Brasil). Anais..., Belo Horizonte, MG (Brasil): ABEP, 1984. v. 3, p. 1257-1296. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br>>. Acesso em: set. 2018.

GOMES, F.L.; GARCÊS, M.M. Festejos Religiosos na Comunidade Remanescente quilombola de Juçatuba: Fé, Devoção e Memória (Artigo). São Luís. 2012. 10p.

GOMES, F.L.; GARCÊS, M.M. Festejos Religiosos na Comunidade Remanescente quilombola de Juçatuba: Fé, Devoção e Memória (Artigo). São Luís. 2012. 10p.

GRANATO, A.; DE MARI, J. Os meus, os seus, os nossos. Veja, São Paulo, n. 109, p. 268-275, 1999.

HEIDRICH, Gustavo. A escola da família. Revista gestão escolar. Edição 003, AGOSTO/SETEMBRO 2009. Disponível em <<http://gestaoescolar.org.br/comunidade/escola-familia-493363.shtml>> Acesso em 28 set 2019.

HEYWOOD, C. Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOUAISS, A.; Villar, M. S.; FRANCO, F. M. M.; Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001. 1 CD-ROM.

KALLOUSTIAN, SÍLVIO MANOUG. Família brasileira, a base de tudo. 03.ed. São Paulo: Calçadense, 1998.

KUHLMANN JR., M. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

KULHMANN JR. M. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediações, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, Eduardo de Oliveira. Estudos de Direito de Família e Pareceres Civil. Curitiba: Editora Juruá, 2011.

LÔBO, Paulo Luiz Netto. Entidades familiares constitucionalizadas: para além do numerus clausus. In Família e cidadania - o novo CCB e o vacatio legis. Coord. Rodrigo da Cunha Pereira. Belo Horizonte: Del Rey, 2002.

MALHO, Maria João. Criança, Família, Escola, que Relação? Boletim do IAC. 2006. Disponível em: <<http://www.iacrianca.pt/boletim/pdf/Separata81.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 126-147.

McGREGOR, Douglas. O lado humano da empresa. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MEDEIROS, M.; OSÓRIO, R.; VARELLA, S. O levantamento de informações sobre as famílias nas Pnads de 1992 e 1999. Rio de Janeiro: Ipea, 2002.

NASCIMENTO, Arlindo Mello do. População e família brasileira: ontem e hoje. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú, 2006.

NÉRICI, Imídeo G. Lar, escola e educação. São Paulo: Atlas, 1972.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e Escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. Educação e Realidade, p.155-170, jul. 2006. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v31n02/v31n02a10.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.

OLIVEIRA, D. R.; MIGUEL, Ana Silvia Bergantini. A nova concepção de creche pós-LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-Lei nº 9.394/96). Revista Fafibe, v. 5, n. 5, 2012.

OLIVEIRA, G. C. Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. 5. ed. – Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2001.

OLIVEIRA, NHD. Recomeçar: família, filhos e desafios [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 236 p. ISBN 978-85-7983-036-5. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

PATEMAN, Carole. Participação e teoria democrática. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PAZ, Anne Caroline dos Santos; OLIVEIRA, Renata Fernanda Nabas. A importância do olhar pedagógico na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Monografia. Lins, 2017.

PINO, Angel. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. In: Psicologia & educação: Revendo contribuições. Abigail Alvarenga Mahoney et al. Vera Maria Nigro de Souza Placco (Org.). São Paulo: Educ, 2000.

PRADO, Danda. O que é família. São Paulo. Brasiliense 1981.

RAPOPORT, Andrea; SARMENTO, Dirléia Fanfa. Desenvolvimento e aprendizagem infantil: implicações no contexto do primeiro ano a partir da perspectiva Vygotskiana. In RAPOPORT, Andrea et al (orgs.). A Criança de seis anos no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação, 2009.

RIBEIRO, R.; CACCIAMALI, M. C. Impactos do Programa Bolsa Família sobre os indicadores educacionais. Economia, Brasília, v. 13, n. 2, p. 415-446, maio/ago. 2012.

ROLIM, Amanda A. M.; GUERRA, Siena S. F.; TASSIGNY, Mônica M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Artigo disponível em [http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%2B\\_vygotsky.pdf](http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%2B_vygotsky.pdf). Acessado em 20 ago.2019.

ROMÃO, J. E. Avaliação dialógica – desafios e perspectivas. 6 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

SANTOS, S. M. P. dos (organizadora). O Lúdico na Formação do Educador. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SILVA, T.M.T. da. Mamãe a professora quer falar com você. Eu não fiz nada. In. Evangelista, F.; Gomes, P. de T. (orgs). Educação para o pensar. Campinas: Alínea, 2003.

SILVA, T.M.T. da. Mamãe a professora quer falar com você. Eu não fiz nada. In. Evangelista, F.; Gomes, P. de T. (orgs). Educação para o pensar. Campinas: Alínea, 2003.

SINGLY, François de. Sociologia da família contemporânea. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 208 p. (Família, geração & cultura).

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996

TIBA, Içami. Disciplina: Limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas, 2006.

VIGOTSKI, L. S. (2004a). O problema da consciência. In L. S. Vigotski. Teoria e método em psicologia (3ª ed., pp.171-189). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1925).

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

WEIL, P. G. A Criança, o lar e a escola – guia prático de relações humanas e psicológicas para pais e professores. Petrópolis: Vozes, 1984.

## **APÊNDICES**



## **APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO AOS PAIS**

### **Perfil socioeconômico**

1. Qual seu grau de parentesco?

( ) Pai ( ) Mãe ( ) Avô (a) ( ) Tio (a) ( ) Irmã (o) ( ) Outro \_\_\_\_\_

2. Quantas pessoas moram na mesma casa?

3. Qual a renda bruta familiar (de todos os componentes que moram nessa residência)?

( ) Até 1 salário mínimo ( ) De 1 a 2 salários mínimos ( ) De 3 a 4 salários mínimos  
( ) Mais de 4 salários mínimos

### **Questões relacionadas a participação familiar na escola**

4. Você comparece à escola sempre que solicitado?

5. Você acompanha as tarefas e a agenda de seus filhos diariamente?

6. Você acha que o professor(a) manda pouca tarefa pra casa?

7. Participar das reuniões dos pais para saber como seu filho está na escola, para você é:

a) muito importante

b) pouco importante

c) minha participação é indiferente

8. Nas atividades desenvolvidas na escola, seu filho (a):

a) encontra muita dificuldade

b) encontra pouca dificuldade

c) não encontra dificuldade

d) não sei responder

9. Como é a sua participação na escola. Participa de todos os eventos e reuniões que a escola realiza?

a) participa ativamente

b) participa algumas vezes

c) não participa

10. Seu filho (a) tem horário e local adequados para realizar a tarefa de casa?

a) Sim

b) Não

11. Sobre o desenvolvimento escolar do seu filho (a) você está :

a) satisfeito

b) muito satisfeito

c) insatisfeito

d) preocupado

11. Sobre o acompanhamento nas atividades escolares do seu filho (a) :

a) fui bem presente

b) deveria ter auxiliado mais

c) deixei a desejar

12. Quanto ao trabalho da professora de seu filho você está:

a) satisfeito

b) muito satisfeito

c) insatisfeito

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES**

### **Perfil do(a) entrevistado(a)**

1. Sexo?
2. Idade?
3. Tempo de Docência?
4. Renda familiar?
5. Formação?

### **Questões referentes ao processo de aprendizagem**

6. Quais os instrumentos de avaliação você utiliza?
7. Quais as atividades lúdicas mais comuns na sala de aula?
8. Quantos alunos tem na sala de aula?
9. Quantos alunos costumam faltar com frequência?
10. O que é importante aprender nessa fase? O que as crianças desenvolvem nesta etapa da vida?
11. Como você lida com os alunos que apresentam maiores dificuldades no aprendizado?

### **Questões referentes a percepção da relação família x escola**

12. A família está presente no cotidiano dos filhos?
13. As crianças sentem a falta da família?
14. Você recebe a visita de alguns pais durante suas aulas?
15. Já foi procurada por algum familiar de aluno para conversar, sem ser em ocasião de reunião escolar?
16. Você já foi culpado, pelos pais, pelo baixo rendimento escolar de algum aluno?
17. Você observa o interesse dos pais nas atividades extra curriculares realizadas na escola (como por exemplo, feiras científicas ou dia das mães) ?
18. Já presenciou alguma situação em que o desempenho escolar de algum aluno estava intrinsecamente relacionado ao relacionamento com a família?

## **APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTORA**

### **Perfil da entrevistada**

1. Idade?
2. Tempo de atuação na gestão da escola?
3. Renda familiar?
4. Formação?

### **Questões referentes a relação família x escola**

5. Que atividades são aqui realizadas para maior aproximação dos pais?
6. Com que frequência elas são realizadas?
7. Qual o perfil dos pais que mais participam dessas atividades?
8. Qual a relação dessa participação com o desempenho do aluno?
9. Como é a participação da família na escola?
10. Quantas reuniões com os pais são realizadas ao ano na instituição?

**APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a influência da participação familiar na educação infantil e está sendo desenvolvida por Luiza Garcez Monroe Neta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Ma. Márcia Cristina Gomes.

O objetivos deste estudo é analisar a participação familiar no contexto infantil e suas contribuições para o desenvolvimento integral da criança em uma comunidade quilombola de São José de Ribamar/MA. A finalidade deste trabalho é contribuir para compreender o nível de participação familiar no espaço escolar de uma comunidade quilombola; identificar quais contribuições a família pode oferecer aos filhos quando estes se inserem na educação infantil; estabelecer relação entre o processo de aprendizagem na educação infantil e a participação familiar na escola.

Solicitamos a sua colaboração para uma entrevista, com tempo médio de 20 minutos como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

---

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

São Luís , \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_

---

Assinatura do participante

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Luiza Garcez Monroe Neta

Email: lgmnet@gmail.com

Telefone: (98) 99225-5808